

# MISERERE NOBIS

**Ao povo brasileiro só resta pedir:  
“tenham misericórdia de nós”**

**No país de Bolsonaro e Paulo Guedes, a agenda econômica estrangula a população, que se vê no momento mais difícil. O Palácio do Planalto deixou 29,5 milhões fora do Auxílio Brasil. E a fome aperta...**

Reprodução

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 29 de Novembro de 2021 Nº 38

**Nelson Barbosa: A agenda econômica devastou o país**

**FAO: 20% dos brasileiros não têm o que comer**

**35 anos do Badernaço: o dia que Brasília tremeu**

**Elza Soares: A maior cantora brasileira do milênio**

EXPOSIÇÃO VIRTUAL  
CENTENÁRIO  
Paulo Freire

**A EXPOSIÇÃO ESTÁ NO AR**

ACESSE EM: [fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

25 anos  
FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

Centro  
Sérgio  
Buarque  
de Holanda  
de Documentação e  
História Política

PAUTA  
BRASIL

**ASSISTA AO  
PROGRAMA  
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS  
E SEXTAS-FEIRAS  
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E  
TRANSMISSÃO: FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

TRANSMISSÃO: PT DCM Fórum TV 247

SIGA O CANAL DA REVISTA

YouTube

focus  
BRASIL

Revista Focus Brasil  
191 inscritos

INSCREVA-SE

NO YOUTUBE

# focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

## DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

## CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

## SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

## CONTATOS

[webmaster@fpabramo.org.br](mailto:webmaster@fpabramo.org.br)

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

# A FOME E A MISÉRIA CRESCEM COM BOLSONARO

A fome, o desemprego, a miséria e o desalento colocam os brasileiros vivendo em piores condições em sua história recente. Ao deixar 29,5 milhões de pessoas fora do Auxílio Brasil, o governo amplia a crise

Página 13

**EDITORIAL.** No pior momento da história recente, cresce a miséria

Página 4

**ENTREVISTA.** Nelson Barbosa alerta para piora da conjuntura econômica

Página 6

**FOME.** FAO denuncia que um em cada cinco brasileiros não têm o que comer

Página 16

**MISÉRIA.** Tereza Campello alerta: Bolsonaro despreza 25 milhões de pobres

Página 16

**OPINIÃO.** O líder Bohn Gass diz que Planalto garante um Natal miserável ao Brasil

Página 18

**FUGA.** FAB terá de explicar como Olavo de Carvalho conseguiu fugir para EUA

Página 20



Arte: Olímpio

**CHACINA.** PT cobra do governo do Rio apuração rigorosa sobre crime

Página 21

**DEMOCRACIA.** Marcelo Zero rechaça ataques da mídia ao presidente Lula

Página 22

**ENEM.** Fernando Haddad alerta que o país corre risco com destruição do ensino

Página 26

**ELEIÇÕES.** Bolsonaro e Sérgio Moro são campeões da impopularidade

Página 28

**ECONOMIA.** O PT salvou o Brasil com Lula e Dilma e manteve bom resultado

Página 30

**CHILE.** Quem é o José Kast, o candidato da ultradireita que assusta

Página 33

**INTERNACIONAL.** Líderes do Grupo de Puebla se reúnem no México

Página 35

**MEMÓRIA.** A Revolta Vermelha em 1935 e as Diretas Já em 1983

Página 36

**HISTÓRIA.** Brasília tremeu em 1986, quando CUT e CGT mobilizaram protestos

Página 38

**MÚSICA.** Elza Soares é a reserva moral do Brasil que sonha em dias melhores

Página 44

**CULTURA.** Senado aprova Lei Paulo Gustavo, que garante recursos ao setor

Página 46

# O Brasil precisa de Lula

A devastação social gerada pelo governo Bolsonaro atinge níveis alarmantes. Enquanto 40 brasileiros integraram o clube dos super ricos da revista Forbes, mais de 15 milhões de famílias estão em situação de extrema pobreza.

A fome atinge o povo e quase 20 milhões de brasileiros declaram passar 24 horas ou mais sem ter o que comer na semana. Além disso, 24,5 milhões não têm certeza de como se alimentarão no dia a dia e já reduziram o que comem. Outros 74 milhões vivem inseguros sobre se passarão pelo mesmo drama, em um cenário no qual o preço dos alimentos sobe sem parar.

Só 26% das crianças de 2 a 9 anos no Brasil fazem as três refeições diárias, de acordo com dados do próprio Ministério da Saúde. O número, que já era preocupante em 2016, quando caiu para 42% de um patamar de 76% em 2015, teve quedas ainda mais acentuadas desde que Jair Bolsonaro assumiu a Presidência: 28% em 2019, 21% em 2020 e 26% em 2021. Em outras palavras, 3 em cada 4 crianças brasileiras estão em risco grave de insegurança alimentar e desnutrição.

A resposta do presidente a esses milhões de famintos foi perversa. Acabou com o Bolsa Família, exitoso programa, reconhecido internacionalmente, e criou em seu lugar o confuso e inconsistente Auxílio Brasil. Este novo programa não tem

fonte de financiamento permanente e sua existência está garantida apenas até dezembro de 2022. O programa começou a ser pago na semana passada com valor médio de R\$ 224,41 por família, montante insuficiente e bem inferior aos R\$ 400 prometidos pelo próprio governo.

Mais grave ainda é que, com o Auxílio Brasil, Bolsonaro deixou 29,5 milhões de famílias sem acesso a qualquer programa de renda. Ao beneficiar apenas os inscritos no Cadastro Único, Bolsonaro excluiu do Auxílio Brasil 29,4 milhões de famílias que recebiam o auxílio emergencial.

Ademais, a implementação do novo programa não foi acompanhada de qualquer tipo de levantamento da situação das famílias excluídas ou de critérios de exclusão dos beneficiários. As pessoas foram colocadas de fora da lista de beneficiários sem qualquer tipo de orientação, gerando desespero e filas gigantescas em agências bancárias de diversas cidades.

Outro ponto crítico do Auxílio Brasil é o ajuste feito pelo governo na classificação de famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Bolsonaro incluiu em tais faixas famílias com renda per capita de até R\$ 100 e R\$ 200, respectivamente. A linha da extrema pobreza para países em desenvolvimento deveria ser de R\$ 172. Mas, segundo estudo

do Banco Mundial, no Brasil, o valor deveria ser em torno de R\$ 300.

Diante dessa tragédia, emerge no coração e na mente do Brasil profundo a memória de um tempo em que o país experimentou um momento de recuperação econômica, inclusão social e distribuição de renda, nunca vistos na história. Cresce a força do legado de um presidente que o retirou Brasil do Mapa da Fome das Nações Unidas, projetou o país internacionalmente e trouxe autoestima ao povo. Isto é, o Brasil de Lula.

O contraponto ao país dos milhões de miseráveis de Bolsonaro são os governos de Lula e Dilma, que retiraram 36 milhões de brasileiros da pobreza extrema e em que outros 42 milhões ascenderam à chamada classe média. Em conversas com os principais líderes políticos do mundo, em recente passagem pela Europa, Lula trouxe de volta ao centro do debate global a pauta do enfrentamento da desigualdade e da erradicação da miséria, da fome, e da pobreza.

Por isso, mais do que nunca, o povo precisa de Lula. É ele quem vai retomar a marca fundamental dos governos do PT, que, em 12 anos, aumentaram o salário mínimo em 77% em termos reais, que geraram 23 milhões de empregos formais e em que a renda dos 20% mais pobres da população brasileira cresceu 84%.



# “A POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO BOLSONARO É NÃO TER POLÍTICA”

O ex-ministro diz governo Bolsonaro vem promovendo um “show de improvisos” desde o início da pandemia. Além disso, afirma que desde o golpe de 2016, os governos vêm prometendo resolver o problema do país com ajustes fiscais rápidos, mas têm falhado em todas as tentativas. Para ele, O resultado é que o país cresce muito lentamente e as camadas mais pobres da sociedade são as mais penalizadas.

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

**N**esta entrevista à Focus Brasil, o economista e ex-ministro do Planejamento e da Fazenda, Nelson Barbosa, faz uma análise da conjuntura econômica brasileira. Segundo ele, a criação do Auxílio Brasil não vai representar solução para a miséria que assola o país. A política de corte de gastos implementada pelo governo Temer e na qual o governo Bolsonaro insiste já se mostrou ineficiente. “O Brasil está há cinco, seis anos patinando. Não sai do lugar”, critica Barbosa. O pior é

a bomba-relógio que o atual governo está querendo deixar para 2023, o calote nos precatórios. Para chegar a uma solução para o Brasil, ele afirma ser necessário socorrer a população, investir para criar empregos e fazer a economia voltar a girar.

**- O Brasil vai terminar o ano de 2021 numa situação muito pior do que indicavam as previsões. O governo Bolsonaro buscou beneficiar algum setor específico da economia ou não passa de uma lambança completa?**

- Ele buscou claramente bene-

ficiar o mercado financeiro com venda de participação do BNDES em várias empresas, tentativas de privatização, e tem o setor militar-policial que teve ajuste salarial, aumento de gratificação. Basta ver as ações do governo, eles se beneficiaram mais. O mercado financeiro agora está sendo prejudicado, então ficou insatisfeito com Bolsonaro. O setor militar continua sendo bem atendido pelo governo Bolsonaro.

**- Apesar de o desemprego continuar alto e das previsões de**

**crescimento serem revisadas para baixo, o governo continua falando em "recuperação econômica". Qual é a realidade econômica do país?**

- A realidade econômica é que nós tivemos uma parada súbita por conta da pandemia do coronavírus. A economia caiu 4% e este ano deve subir em torno de 4,8%, voltando ao ritmo em que ela estava no pré- crise. Em 2019, a economia já estava crescendo lentamente, cerca de 1,5%, e a expectativa inicial é que voltaria a esse ritmo ano que vem, mas agora há risco de uma desaceleração ainda maior. É uma economia que anda de lado. O país até que se recuperou rapidamente, mas não engrenou um crescimento acelerado pós-recuperação cíclica. Algumas consultorias estão dizendo que vai voltar àquele crescimento em torno de 1% em 2022, com risco de recessão. Eu acho que o risco de recessão ainda é pequeno, mas é possível. O fato é que é muito difícil a economia brasileira crescer mais do que 1% no ano que vem. Tem aumento de juros, para controlar a inflação. A política fiscal, mesmo com o gasto extra já autorizado, é uma contração com relação a 2021. Vão prorrogar o auxílio emergencial com o nome de Auxílio Brasil com valor menor, é como se estivesse desacelerando.

No mundo, a China desacelerou e o EUA está acelerando. Para nós, este é um cenário inicialmente neutro e tudo indica que é uma estagnação. O governo está apostando em crescimento de mais de 2% para o ano que vem, mas acho que só o governo tem esse número. Antes, eles até usavam uma expectativa próxima da do mercado, agora descolou completamente. Como já houve outro anúncio da mesma forma: "vou arrecadar R\$ 1 trilhão" ou "vou cortar R\$ 1 trilhão"

de gastos" ou ainda "vou vender patrimônio e gerar R\$ 1 trilhão"... Esses anúncios muito ambiciosos têm sido uma constante desse governo e a questão do crescimento é só mais uma.

**- Você acha que os desacertos da política de Paulo Guedes, que vem já da época do desmonte do governo Michel Temer, são o corolário do movimento que começou com a derrubada da Dilma em 2016?**

- Com certeza. Em 2016, teve ali uma aposta que consistia em tirar

## O MERCADO FINANCEIRO ESTÁ SENDO PREJUDICADO E FICOU INSATISFEITO COM BOLSONARO, O SETOR MILITAR CONTINUA SENDO BEM ATENDIDO.

um governo de centro-esquerda, como o da Dilma, e colocar um governo mais de centro-direita, sem nenhuma política mais ativa ou estímulo mais forte para o crescimento. Bastaria fazer reformas, reduzir a inflação, baixar os juros e a economia se recuperaria por si mesma, o que a equipe econômica atual chamou de o "PIB privado". O governo não precisaria fazer nada. A inflação caiu - na verdade, já tinha começado a cair no governo Dilma-, o

juro caiu... Tudo isso é bom, mas não o suficiente para recuperar a economia já antes da Covid. O crescimento médio de 2017 a 2019 foi de 1,5%, com os juros caindo, mas o juro baixo sozinho não é promove uma recuperação sustentável. Precisa ter política de investimento, de transferência de renda, de emprego. Quando veio a Covid, a gente entrou no show do improvisado. O governo, primeiro, disse que com R\$ 5 bilhões resolvia, não precisava fazer muita coisa... Foi forçado a fazer o Auxílio Emergencial. Depois, disse que iria acabar com o Auxílio Emergencial em janeiro. Ficamos dois meses sem o auxílio e o governo viu a besteira que foi, voltou com o auxílio emergencial, mas disse que ele só iria até outubro. Agora, viu que é risco mesmo e de novo está voltando com o auxílio...

Esse negócio de para e volta, a tentativa de dizer que os estímulos que foram feitos são temporários, só criaram incerteza, o que gera uma depreciação adicional do real. O dólar sobe e puxa os preços de alimentos que são commodities: trigo, carne, soja, o milho que aumenta o preço do frango, o açúcar que incide no etanol. Aí aumenta o preço da gasolina, da energia e isso acaba em inflação, o que afeta todo mundo. Foi um planejamento malfeito de como enfrentar a recessão lá de 2014-15, seguido de um planejamento inadequado de achar que a Covid seria uma crise que acabaria rápido e o Brasil voltaria à situação pré- crise. Não voltou e não vai voltar rápido, nem aqui, nem em lugar nenhum do mundo. A saída dessa crise exige política de reconstrução. É o que está sendo feito na China, na Europa e no EUA, cada um do seu jeito, com intensidades e focos diferentes, mas todos eles apresentaram plano de reconstrução e recuperação



pós-crise. O Brasil é o único país que fica dizendo que a crise é passageira e marca data para a crise acabar. Primeiro, foi marcada uma data para acabar no final de outubro. Viram que a crise insistiu em continuar e agora ele marcou que a crise acaba em dezembro do ano que vem. Não tem nada programado para 2023 [fala ironicamente].

**- A pandemia criou um desarranjo global na cadeia de suprimentos. A situação é pior no Brasil? O Banco Central vem tentando controlar a inflação, mas o governo federal não se mexe em nada, é isso?**

- O Banco Central está usando a taxa de juros, que é o que ele tem, e faz alguns swaps cambiais. Com a inflação no nível em que está, realmente, é necessário subir juros. A questão é até onde... Tem gente dizendo que os juros têm que subir para 14%, 15%, o que eu acho exagero, e outras pessoas dizendo que algo em torno de 11% seria o suficiente. Agora que o processo inflacionário já acelerou, não tem nenhuma arma mágica para o governo baixar essa inflação rápido. No caso dos alimentos, teria de ter política de abastecimento mais segura porque alguns segmentos tem uma volatilidade muito grande. Todos os países do mundo têm política de preços agrícolas, de estoques reguladores... Ou, quando o preço da energia varia muito, o governo adota medidas pontuais para tentar amortecer esse impacto. O Biden acabou de fazer uma iniciativa coordenada com governos de outros países para usar os estoques reguladores de petróleo dos EUA na tentativa de combater a alta mundial do petróleo, ao mesmo tempo procurando incentivar o aumento da produção no seu país e de alguns outros produtores. Aqui, a gente não tem isso.

Nada.

O que teve agora foi uma iniciativa, que do ponto de vista econômico não é a melhor, que é o vale-gás. E é uma iniciativa do PT, que já poderia ter sido aprovada lá atrás, no início do ano. Não resolve o problema, mas ele dá auxílio a quem mais precisa no curto prazo enquanto o governo pensa em políticas estruturais. Todos os países fazem isso e não é controle de preços, são políticas que existem para administrar a volatilidade de mercado. Aqui, a nossa política é não ter política.

**O BRASIL É O ÚNICO PAÍS QUE FICA DIZENDO QUE A CRISE É PASSAGEIRA, MARCA DATA PARA ACABAR, MAS A CRISE INSISTE EM CONTINUAR.**

**- Tanto Temer como Bolsonaro não economizaram para aumentar as reservas cambiais, mas o aumento do dólar fez com que a reserva aumentasse. Você poderia cravar que essa política, desenvolvida nos governos Lula e Dilma, salvou a economia nacional da debâcle?**

- Eu acho que sim. Mesmo os mais críticos ao PT reconhecem que o acúmulo de reservas internacionais é uma grande conquista, uma herança bendita que os governos do PT deixaram. Tanto

que o Temer manteve e o Bolsonaro também. Se a gente não tivesse um estoque de reservas tão elevado aconteceria o que está acontecendo na Argentina e na Turquia, que têm problemas em moeda externa e aí tem que recorrer ao financiamento. No Brasil, hoje, o que temos é o problema da volatilidade do dólar. Se o câmbio sobe, pressiona a inflação interna. Como o Brasil não está quebrado em moeda estrangeira, somos credores em moeda estrangeira. Isso nos deu mais grau de liberdade, o Brasil tem mais espaço para fazer política econômica, tanto que nós fizemos o Auxílio Emergencial, auxílio para estados e municípios... Agora, só ter espaço não significa que você vá fazer a política econômica correta. Está aí o Bolsonaro que tem desperdiçado todas as oportunidades que tem. O ganho, no entanto, veio para ficar. Sempre digo que é importante ter reserva porque aí a gente discute o orçamento fiscal no Congresso brasileiro e não no FMI. É melhor fazer isso aqui do que por imposição externa.

**- Num retorno do Lula à Presidência, se houver a decisão de introduzir dinheiro no país para a economia voltar a andar, algo semelhante ao que o Joe Biden está fazendo, o dinheiro poderia vir dessas reservas internacionais ou teria que sair de outro lugar?**

- Teoricamente, pode, mas não sou favorável a isso. Reserva internacional é um seguro contra o choque externo, é importante ter ela alta. A China tem mais de US\$ 1 trilhão, nós temos US\$ 350 e pouco [bilhões]. O FMI diz que o Brasil tem um "excesso" de reservas de US\$ 100 bilhões, que a gente poderia operar com US\$ 250 bi. Eu, como sou conservador, acho que se o FMI diz que podia ter menos 100, então eu

vou manter esses 100 de excesso só para ter segurança. E ela [a reserva] já é utilizada, pois por ter reservas internacionais elevadas, o Banco Central pode entrar no mercado e fazer swap cambial. Agora, reserva é para administrar um risco de solvência. Para financiar um investimento, aí você tem que ter uma receita permanente para financiar um gasto permanente ou reduzir outro gasto.

No caso do Brasil, já teve muita redução de gasto essencial, então não tem muito espaço para cortar. A gente tem o desafio de recuperar receita que é, em certa medida, o que os americanos acabaram de anunciar. Eles falam assim, "eu vou aumentar o investimento e isso não vai aumentar a dívida por que eu também vou aumentar a receita". Uma coisa paga a outra de modo que daqui a dez anos a dívida está no mesmo lugar, é uma fonte permanente. É o melhor. No curto prazo, você pode até financiar uma expansão com dívida. Se a economia está fraca, você não vai aumentar imposto. Primeiro você auxilia a economia e o governo absorve isso como aumento de dívida, mas ele já programa na saída da crise um aumento gradual de receita, de modo a pagar o endividamento feito para lutar contra a crise. Isso aí não é nada novo. São coisas são feitas há mais de 50 anos, mas representam grande desafio político, tem de convencer a sociedade disso. É um desafio político de toda democracia, aqui, na Europa e nos EUA.

#### - Qual é o caminho que você vislumbra para aumentar receitas?

- Eu acho que você tem que fazer a reforma da tributação direta, aquela que substitui o PIS/COFINS pelo CBS. Essa reforma está mais ou menos delineada desde 2012, mas depende de um quadro político favorável.

Tem também a outra reforma da tributação direta, que o governo até começou na direção correta, de aumentar a tributação sobre os mais ricos, sobre as grandes corporações, mas depois o projeto virou um "Frankenstein" no Congresso. Do jeito que está é melhor nem aprovar. Mas essa também é uma direção também que a gente está vendo no resto do mundo. Teve um acordo recente entre vários países, inclusive o Brasil, de criar um imposto de renda mínimo global,

## SÓ TER ESPAÇO NÃO SIGNIFICA FAZER A POLÍTICA ECONÔMICA CORRETA: BOLSONARO TEM DESPERDIÇADO TODAS AS OPORTUNIDADES QUE TEM.

que diz que ninguém no mundo vai pagar menos do que 15%. Vários países sofrem com evasão fiscal, essa coisa de grandes empresas, pessoas de alta renda colocarem os seus recursos em paraísos fiscais para não pagar imposto sobre herança, como fez o Paulo Guedes. A evasão fiscal generalizada pelos mais ricos do planeta corrói a capacidade de arrecadação de todos os governos e assim a capacidade de gasto e de investimento. Os governos do mundo assinaram um

acordo para combater paraíso fiscal. Guedes foi lá e assinou, o Brasil faz parte do acordo. Nas decisões privadas, o Guedes privado ainda não conversou com o Guedes público. Um dia eles vão se conhecer.

- **Entre as economias mais importantes do mundo, a economia brasileira é uma das mais subsidiadas: são R\$ 380 bilhões/ano de subsídio para a economia com o Simples, agronegócio, indústria. O dilema do país é ou cortar subsídio ou aumentar a arrecadação com tributos novos?**

- Na prática, acaba sendo uma combinação das duas coisas e tem uma terceira. Nós temos um problema fiscal. Nossa dívida cresceu e, para que ela não continue crescendo, o governo tem que ter um excesso de superávit primário mínimo, que a gente calcula que é na casa de 1% do PIB. Sendo conservador, se o mínimo é 1%, o melhor é operar acima disso. Nós temos um déficit de cerca de -1%. Então, temos de sair de -1% para 1,5%, 2%. Para isso, tem que fazer um ajuste de 3 pontos percentuais no PIB, o que, no Brasil, hoje, é algo que está próximo de R\$ 300 bilhões por ano, ou seja, o governo tem que obter um excesso de caixa de R\$ 300 bilhões por ano. "Ah, vou vender a Eletrobrás". Pode vender a Eletrobrás esse ano, mas no ano que vem você vai vender o quê? Isso gera receita por um ano só. Você pode resolver o problema da sua família vendendo sua casa, mas no ano que vem você vai ter outra casa para vender?

Para recuperar receita, pode-se rever desoneração, acho que ninguém é contra isso. A lei já diz que você tem que ficar avaliando as desonerações para ver se elas fazem sentido. Eu acho que o Super Simples tem que ter, agora se discute muito porque talvez

tenha se excedido [a concessão desse tipo de imposto]. Existem desonerações para algumas cadeias industriais que precisam ser revistas, como para as indústrias de bebida, que é algo que não faz sentido. Não dá para colocar tudo no mesmo saco. Já as desonerações da folha de pagamento... Tá aí, todo mundo critica a desoneração que a Dilma fez, "tem que acabar", mas vai ser prorrogada por mais dois anos. A economia brasileira está mostrando que precisa da desoneração da folha. O formato atual não é o ideal, precisa ser revisto e aí, provavelmente, o custo vai ser menor. Para que alguns gastos subam, você vai ter que segurar outros.

Quando você vê os países que conseguiram fazer o reequilíbrio orçamentário de um jeito progressista, com crescimento, redução do desemprego, eles fizeram uma combinação de coisas. Teve aumento de receita, teve revisão de desoneração e teve controle de gastos. Não dá para apostar só numa coisa. Estão tentando cortar gastos há 5, 6 anos e estão patinando no mesmo lugar. Tem que combinar as duas coisas e aí você precisa de um grande acordo político e isso não é economista que faz. Minha planilha aqui aceita quase tudo, mas depois precisa passar pelo Congresso e aí precisa de liderança política. E também não precisa reinventar. A história diz que as pessoas aceitam participar de um esforço de ajuste se elas perceberem que aquilo é justo, que todo mundo está fazendo a sua parte e o ajuste não está caindo somente em uma parte da população. O problema da situação de hoje no Brasil é que a estratégia de ajuste recai sobre a população mais fragilizada, justamente quem não tem capacidade de suportar o seu custo.

**- Há quem diga que o dinheiro que será injetado com o Auxílio Brasil nem ajude muito diante do tamanho da inflação e por causa do número de famílias fora do benefício. Qual é a sua perspectiva sobre isso?**

- Essa questão é difícil porque esse governo atual é tão esquizofrênico... Depende com o que você compara. A gente tinha um auxílio emergencial que eles cortaram, mas tiveram que voltar com ele rápido. Em outubro, eram 39 milhões de benefícios.

## NAS DECISÕES PRIVADAS, O GUEDES PRIVADO AINDA NÃO CONVERSOU COM O GUEDES PÚBLICO. UM DIA ELES VÃO SE CONHECER

Agora, estão prevendo que o Auxílio Brasil vá chegar para 15 milhões e eles tem ainda 2 milhões na fila. De cara, já tem uma redução de 39 para 17 milhões. "Ah, mas aumentou o valor": sim, era R\$ 300 para 39 milhões, agora vai ser nesse valor médio de R\$ 400 para 17 milhões. Só fazendo uma multiplicação simples percebe-se uma contração. O que houve do ponto de vista da economia como um todo é menos auxílio e menos gente: 22 milhões vão perder o auxílio. Isso é melhor ou pior? É melhor ter um auxílio para 17 milhões do que não ter para ninguém, mas também não

era bom sair de 39 milhões para 17 tão rápido. O melhor era fazer isso mais gradualmente. Europa, EUA e China estão fazendo isso. É bom que tenha esse auxílio, mas dado que a inflação subiu, ele está apenas amenizando. No ano que vem, as pessoas que recebem o auxílio vão receber em termos reais menos do que elas receberam esse ano. Por isso que instituições estão prevendo uma desaceleração do crescimento também.

**- Para que o Auxílio Brasil possa existir, estão colocando em jogo essa PEC dos precatórios ou "do calote" como tem sido chamada, que pode acabar prejudicando demais as contas do governo a partir de 2023. Qual é a sua opinião sobre essa questão?**

- Temos um problema de precatórios que precisa ser enfrentado. A maneira de enfrentá-lo depende de fazer a pergunta certa: "Por que os precatórios cresceram?" O governo está focando em não pagar a conta, em empurrar para 2023. No passado, operações como essa de adiar despesa foram motivos para derrubar uma presidente. Agora, são aplaudidas. São dois pesos e duas medidas. Quando o governo é de esquerda, a interpretação é uma, quando o governo é de direita, a interpretação é outra. Os precatórios subiram muito por que, em parte, tem um problema lá entre a União e os estados, de verbas de educação, que vem desde o governo FHC, passou pelo governo Lula... Isso você resolve num acordo de contas entre estados e União. Tem aumentos de precatórios que vem da Previdência, da folha de pagamento, da fila de alguns programas etc. Aí tem que ver se isso é uma coisa pontual, que foi a pandemia que prejudicou o atendimento ou se é uma coisa de o governo não estar pagando o que ele deve para

tentar produzir resultado parcial no curto prazo. Por isso que eu já tinha defendido e acho que agora o Senado está falando: "Olha, independentemente de qual seja a solução do precatório, se quem vai pagar é o Bolsonaro ou o presidente que vai governar o Brasil a partir de 2023, a gente tem que abrir a caixa-preta. Por que o precatório saiu de R\$ 30 bilhões, R\$ 40 bilhões para R\$ 90 bilhões? O que está gerando isso? O governo não está pagando a Previdência? O governo não está pagando seus funcionários? Como resolve?". O problema é que a gente inverteu a pergunta. O que o governo Bolsonaro está propondo é o seguinte: "Eu não quero pagar. Está previsto R\$ 90 bilhões para o ano que vem, eu só vou pagar R\$ 40 bi" e os outros R\$ 50 bi Jesus cuida, o Congresso que se vire a partir de 2023. Isso causa incerteza, aumenta o dólar, reflete na gasolina, na alimentação, nos juros, o que piora a situação futura do governo. A gente tem que chamar as coisas pelo nome: por que o precatório subiu? O que você pode fazer para que ele pare de subir? E aí você paga em estoque. O governo brasileiro pode pagar esse estoque. Aí é uma negociação com Congresso, o Judiciário, os devedores, os precatórios de baixa renda. A discussão nesse momento está focada na ótica do caixa para 2022, sem pensar o que acontece a partir de 1º de janeiro de 2023. Está se criando uma bomba fiscal para quem vier em 2023. A gente não sabe quem é, espera que seja o Lula. Seria bom que o Congresso resolvesse isso para 2023 e para frente também, por que quem for eleito pegaria uma situação mais previsível. Infelizmente, não é isso o que vai acontecer. No final do ano que vem, quem for eleito vai ter que ir ao Supremo, ao Congresso para tentar desar-

mar essa bomba-relógio para o próximo governo, seja ele qual for, inclusive se for o Bolsonaro.

**- Na sua perspectiva, se as forças democráticas ganharem as eleições, o cenário em 2023 será um cenário pior do que o Lula herdou em 2003 ou igual?**

- Tem muita gente fazendo essa pergunta e eu não tenho uma resposta formada. Vou te dar a minha percepção de hoje que pode mudar em duas semanas, dependendo do que o Congres-

## O GOVERNO ESTÁ FOCANDO EM NÃO PAGAR A CONTA RESOLVER 2022, SEM PENSAR NO QUE ACONTECE A PARTIR DE JANEIRO DE 2023.

so aprovar. Do ponto de vista de um economista, a situação não é tão ruim quanto a de 2002 porque o Brasil não está quebrado em dólar. A inflação está alta, mas está em 10%. O Fernando Henrique deixou uma inflação de 12,5%, chegou até 17% no início do governo Lula, ou seja, ele deixou uma inflação de mais de 20%. Agora, se espera que ela vá até 10%, 11% e depois comece a cair. A taxa de juros hoje é mais baixa do que era no passado. Está subindo, mas no início do governo Lula o juro real, que o FHC deixou, era de 16% ao ano.

As previsões mais pessimistas indicam que o juro real vai subir para 4% ao ano. Nesses dois aspectos, é melhor. Tem muita coisa travada no Brasil, que o governo brasileiro tem capacidade de intervir se tiver planejamento, investimento e transferência de renda, tem mais acúmulo de conhecimento sobre programas. Também nisso é melhor. O que está pior é governança. Para tirar um governo de esquerda se tancou fogo no país, tornou o país ingovernável. Quem quer que seja eleito terá muita dificuldade de governar porque existem essas interposições. O Ministério Público extrapolou as suas funções, o TCU também, o Judiciário entra no Legislativo, o Legislativo tenta entrar no Judiciário. Você tem uma incerteza jurídica muito grande, o que faz com que funcionário público hoje, com razão, dificilmente assine alguma coisa porque, depois do que fizeram com a Dilma, o que hoje é válido, amanhã pode ser considerado inválido e com efeito retroativo. O grande desafio para o próximo presidente é promover uma recuperação da governança. Tem que chamar os poderes para conversar, os governadores, e estabelecer um mínimo de procedimentos comuns, de coordenação e aí dá para resolver. E tem que parar é o discurso de que "esse ano tem que ser déficit, mas ano que vem volta tudo ao normal". O governo vem decretando desde 2017 que tudo ficará bem no ano que vem, tentando ajustes rápidos, falhando em todas as tentativas e prorrogando a crise. É melhor reconhecer o problema, programar o ajuste, que vai ter de ser ao longo de 4 a 8 anos, como está sendo feito na China, nos EUA e na Europa, por que aí você consegue distribuir esse custo e ter, espero eu, algum consenso político que viabilize essa solução. •

# E O POVO LARGADO À PRÓPRIA SORTE

Em grandes centros urbanos, o fim do auxílio emergencial e do Bolsa Família criou um imenso contingente de famílias sem qualquer tipo de assistência do Estado. Para piorar, o desemprego no país já é o mais alto entre as nações do G20



**B**oa parte do povo brasileiro está entregue ao Deus-dará, sem que o governo mantenha um compromisso mínimo em manter o Estado de bem-estar social. Ou garanta que, em meio à mais grave crise social da nossa história, no momento mais duro para milhões de famílias, a dor do abandono não seja um programa oficial. Mas é exatamente isso que o presidente Jair Bolsonaro está adotando: o aumento da miséria como política de Estado.

Isso ocorre justamente quando o desemprego atinge diretamente 13,7 milhões de brasileiros, que se vêm em situação desesperadora sem expectativa de qualquer tipo de renda. A situação é grave. O abismo para o qual Jair Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, empurram o Brasil parece não ter fundo.

Um estudo da agência de classificação Austin Rating coloca o país como o quarto do mundo em desemprego em um ranking de 44 nações. Segundo a agência, o Brasil também tem a mais alta taxa de desemprego entre países que integram o G20 e o dobro da média mundial. Os dados foram compilados entre países que divulgaram informações relativas ao terceiro trimestre.

A taxa de desemprego permanece elevada, no patamar de 13,2% no trimestre até o fim de agosto. O índice, que estava perto de 12% antes do início da pandemia, saltou para 14,7% no primeiro trimestre deste ano. Segundo a Austin Rating, somente Grécia, Espanha e Costa Rica registraram taxas de desemprego mais altas do que o Brasil.

“O desemprego no Brasil é o dobro da média mundial. Temos a 4ª maior taxa do mundo. A economia não cresce; não há investimentos em infraestrutura;

## O MAPA DA EXCLUSÃO DE JAIR BOLSONARO

Municípios	Famílias com Auxílio Emergencial em 2021	Famílias com Auxílio Brasil em Nov/2021	Famílias excluídas de programas por Bolsonaro
São Paulo	2.106.264	512.438	1.593.826
Rio de Janeiro	1.314.725	300.363	1.014.362
Salvador	630.601	186.649	443.952
Fortaleza	571.860	215.176	356.684
Manaus	537.143	129.747	407.396
Brasília	482.540	91.103	391.437
Belo Horizonte	395.040	73.672	321.368
Recife	361.141	104.306	256.835
Belém	359.862	118.217	241.645
Goiânia	280.341	35.544	244.797
Curitiba	268.160	40.858	227.302
São Luís	249.401	79.174	170.227
Guarulhos	242.246	62.477	179.769
Maceió	218.141	64.721	153.420
Duque de Caxias	214.180	61.501	152.679
Porto Alegre	213.103	50.695	162.408
Nova Iguaçu	203.736	75.658	128.078
São Gonçalo	201.868	60.509	141.359
Teresina	184.247	66.783	117.464
Natal	176.107	53.313	122.794
<b>TOTAL</b>	<b>9.210.706</b>	<b>2.382.904</b>	<b>6.827.802</b>

Fonte: VIS Data, do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS)

não há emprego e renda; miséria e pobreza avançam; inflação galopante. Somos uma grande nau desgovernada”, define o senador Paulo Paim (PT-RS).

“Essa é uma fotografia clara de quanto o Brasil está perdendo na geração de emprego”, avalia o chefe da Austin Rating, Alex Agostini. “Entre os 44 países estão concorrentes diretos e outros emergentes como Cingapura, Coreia e México. Nestes países, a taxa de desemprego chega a 4%, 5%, no máximo”, disse.

O país vive o drama de ver parte de seu povo sem ter renda e nem perspectivas. O PT divulgou na última semana o Mapa da Exclusão de Bolsonaro, que fará a fome explodir em grandes cidades e centros urbanos do país. Isso porque o fim do auxí-

lio emergencial, suspenso desde outubro e o fim do programa Bolsa Família criaram um imenso contingente de pessoas desassistidas, segundo levantamento da assessoria técnica do partido.

No fim de outubro, o governo acabou em uma só tacada o auxílio emergencial e o Bolsa Família, colocando em seu lugar o eleitoireiro Auxílio Brasil. A medida abandonou à própria sorte mais de 29,5 milhões de famílias. Até o mês passado, 43,9 milhões de benefícios eram pagos por meio dos dois programas extintos. Agora, o Auxílio Brasil só contempla 14,5 milhões de beneficiários.

A maior parte das famílias excluídas foi identificada pela assessoria técnica do PT no painel de monitoramento VIS Data, do

Ministério do Desenvolvimento Social. O levantamento traz ainda outro recorte que revela a dimensão do problema para os grandes centros urbanos. A análise do total de excluídos nas 20 cidades com maior número de beneficiários do extinto auxílio emergencial mostra que São Paulo e Rio de Janeiro ganharam um contingente de desassistidos de 1,5 milhão e 1 milhão de famílias, respectivamente.

Em outras capitais, como Salvador e Manaus, esse número ultrapassa os 400 mil. E, em Brasília, onde pessoas imploram aos gritos por comida no meio da rua, o corte foi tão brutal que o número de benefícios caiu 81%, indo de 482,5 mil para 91,1 mil, gerando a exclusão de mais de 391 mil famílias. Não é preciso ser especialista para concluir que, inevitavelmente, o problema da fome se agravará ainda mais, uma vez que o desemprego segue alto e o preço dos alimentos não para de subir.

Vale destacar que o número de excluídos pode ser ainda maior, uma vez que o PT não teve acesso ao total de famílias por município que continuaram recebendo o Bolsa Família durante a vigência do auxílio emergencial. A presidenta nacional do partido, deputada federal Gleisi Hoffmann (PT-PR), pediu os dados ao governo.

Bolsonaro criou o Auxílio Brasil com objetivos claramente eleitorais, para ter o que mostrar na campanha do ano que vem. Tanto que os recursos para pagar os R\$ 400 por mês que prometeu só vão durar até dezembro de 2022, fechadas as urnas. Isso se esse dinheiro sair, pois o governo depende da aprovação da PEC dos Calote. O governo pagou em novembro apenas R\$ 200 como benefício aos 14,5 milhões que não foram excluídos do Auxílio Brasil.

Como Bolsonaro e Guedes



não têm um plano para alavancar o crescimento e gerar empregos, a perspectiva é de um cenário aterrador em 2022. Segundo agentes do próprio mercado financeiro, o país será o último em crescimento do PIB entre os emergentes. Projeções de Bradesco, Goldman Sachs, Capital Economics, Fitch Ratings e Nomura variam entre 0,8% e 1,9%, em cenário otimista.

Para o economista William Jackson, da consultoria britânica Capital Economics, a inflação e a pandemia afetaram as economias, mas “no Brasil, tudo isso parece um pouco mais extremo”.

A economia nacional acumula os sintomas da derrocada. Na ponta mais fraca da corda - a dos trabalhadores - cada vez mais pessoas contraem dívidas. É o que aponta a Radiografia do Endividamento das Famílias da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo.

“Com a queda na renda, o povo está precisando se virar e lançou mão de crédito pra pagar contas e colocar comida na mesa. O cenário é de endividamento que atinge maior nível em 11 anos, 71% das famílias. Agora com essa carestia toda, desemprego a situação tende a ficar ainda pior”, alerta Gleisi.

No primeiro semestre deste

ano, 71,4% das famílias entrevistadas pelos técnicos da Fecomércio-SP apresentaram algum grau de endividamento. Desde o início da série histórica, em 2010, nunca antes tantos estiveram tão “pendurados” em dívidas. E a um nível 15,6%, ou 9,7 pontos percentuais (p.p.), superior à média registrada no mesmo período entre 2010 e 2020.

Em um universo de 16,8 milhões de lares, quase 12 milhões tinham dívidas no fim de junho. São mais 733,9 mil famílias em relação ao mesmo mês de 2020 e 1,36 milhão, se comparado a 2019. Em dois anos, o total de lares com dívidas aumentou 11,5%.

Em junho de 2019, o percentual de famílias brasileiras endividadadas nas capitais era de 64,1%. Em 2020, passou para 67,4%. Oito das 27 capitais, aponta a pesquisa, alcançaram a maior taxa histórica - Rio Branco é a pior, com 92% das famílias endividadadas.

Embora o percentual de famílias com atraso no pagamento tenha caído de 26,3% para 25,6% (4,3 milhões em termos absolutos), entre junho de 2020 e junho de 2021, o cenário de menos renda e mais inflação, com a decorrente elevação dos juros, aponta para retração econômica e mais endividamento e inadimplência nos próximos meses.



Arquivo

# TEREZA: 29 MILHÕES DE FAMÍLIAS ABANDONADAS

Ex-ministra do Desenvolvimento Social denuncia o governo por promover, em um só golpe, a maior exclusão social da história do país, no momento em que o Palácio do Planalto anuncia o desmonte do Bolsa Família e o fim do auxílio emergencial

**A** indignação deveria ser ampla, geral e irrestrita. Ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, a economista Tereza Campello alerta que o país vai mergulhar em um período difícil com potencial para ampliar o abismo social sem precedentes na história do Brasil. Ela acusa diretamente o presidente Jair Bolsonaro de promover um retrocesso social que vai levar pelo menos 29 milhões de famílias ao abandono.

Tereza denuncia o Palácio do Planalto de promover o maior programa de exclusão social do país ao instituir o Auxílio Brasil, acabar com o Bolsa Família, que atende 14,5 milhões de famílias, e suspender o auxílio emergencial. Ela lembra que até outubro, 43,9 milhões de famílias recebiam algum algum tipo de benefício do

governo contra a fome - 39,3 milhões recebiam o auxílio emergencial, sendo 10 milhões oriundas do Bolsa Família, e outros 4,6 milhões permaneceram no programa porque seus benefícios eram maiores que o máximo pago pelo auxílio emergencial em 2021 (R\$ 375).

"A conta é simples. Basta subtrair o total de beneficiários até outubro (43,9 milhões) do total de beneficiários do Auxílio Brasil em novembro (14,5

milhões) para se chegar ao total de 29,4 milhões de famílias abandonadas", adverte Tereza.

Tereza Campello denuncia que o governo eliminou o benefício desses milhões de brasileiros sem dar nenhum tipo de orientação, o que gerou filas de pessoas nas agências bancárias de várias cidades nas últimas semanas.

"São mais de 29 milhões de famílias completamente excluídas, sem nenhuma informação, sem orientação e sem que ninguém tivesse tentado saber se continuam precisando de ajuda", alerta. "Como se a pandemia tivesse terminado, como se a economia estivesse bem e essas famílias tivessem voltado à sua vida normal. Não foi isso que aconteceu".

A ex-ministra ressalta ainda que o governo Bolsonaro não fez nenhum levantamento da situação das famílias excluídas. "Não tentou sequer saber se essas famílias tinham encontrado emprego, se essas famílias continuavam na informalidade, se essas famílias tinham o que comer em novembro, dezembro, janeiro... Essas famílias

foram simplesmente excluídas", denuncia.

E pior: o critério de exclusão foi uma espécie de pegadinha perversa, pois as famílias abandonadas foram aquelas que haviam se inscrito no aplicativo do auxílio emergencial. Ao criar o Auxílio Brasil, o governo Bolsonaro só manteve aquelas famílias que estavam no Cadastro Único, eliminando automaticamente os inscritos no auxílio emergencial. •

**FAMÍLIAS FORAM EXCLUÍDAS, SEM NENHUMA INFORMAÇÃO, SEM ORIENTAÇÃO E SEM QUE SE TIVESSE TENTADO SABER SE AINDA QUEREM AJUDA**



“É MAIS UMA  
FAÇANHA  
INACREDITÁVEL  
DO ATUAL  
DESGOVERNO”



## AUXÍLIO BRASIL USA BASE DE DADOS ANTIGA

O presidente Jair Bolsonaro acabou com o auxílio emergencial e o Bolsa Família para criar o eleitoral programa Auxílio Brasil sem nenhum tipo de planejamento. O resultado é que mais de 29 milhões de famílias deixaram de receber recursos para combater a fome e a rede de proteção social do país se transformou num verdadeiro caos.

O UOL revelou que o governo usou números de mais de uma década atrás, do Censo de 2010 – o último realizado no país. Isso é um problema. É que na hora de distribuir os recursos, o novo programa leva em conta o percentual de famílias pobres de cada cidade. Mas, em 11 anos, os percentuais mudaram. Isso distorce a realidade e causa prejuízos às famílias na fila de espera.

Entre os maiores prejudicados estão os estados do Nordeste, que há tempos vêm cobrando a atualização da fila de espera do Bolsa Família, agora substituído pelo Auxílio Brasil. Em outubro, o governador do Piauí, Wellington

Dias (PT) – presidente do Consórcio Nordeste – enviou ofício ao governo cobrando a inclusão de 2,4 milhões de famílias, das quais mais de 880 mil são do Nordeste.

O governo admitiu que usou o Censo de 2010 e disse que pretende fazer as atualizações em 2022. A resposta só deixa clara a imensa falta de seriedade com que Bolsonaro trata as políticas de proteção aos mais pobres. O Planalto acabou com o auxílio emergencial e jogou no lixo 18 anos de existência do Bolsa Família para colocar no lugar um programa que não utiliza nem mesmo dados confiáveis.

Presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PT-PR), critica: “É mais uma façanha inacreditável do atual desgoverno”. Pesquisador na área de economia social, o professor Cícero Péricles de Carvalho, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), disse que qualquer novo programa deveria se preocupar em ter dados atualizados. “O Auxílio Brasil é provisório e já nasce defasado”, alerta. • **Agência PT**

## FOME JÁ TINHA AUMENTADO COM BOLSONARO

Sete anos depois de publicar o relatório anunciando a saída do Brasil do Mapa da Fome, a Agência das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO) constata que o país caminhou para trás e permitiu que a falta de comida voltasse a castigar grande parte da população brasileira.

O retrocesso, alerta a entidade, iniciou-se antes da pandemia de Covid-19. Segundo a FAO, em 2018, 14% da população brasileira, o equivalente a 29 milhões de pessoas, já não tinham condições de acesso a uma dieta saudável. E o governo de Jair Bolsonaro só piorou a situação.

Em 2014, a fome moderada ou severa atingia 11% da população brasileira. Em 2019, o índice chegou a 16%, mas, em 2020, foi a impressionantes 24% – um em cada cinco brasileiros. “É um enorme salto”, aponta o economista-chefe da FAO, Maximo Torero. Os dados da FAO são ainda conservadores, pois o IBGE já apontou que o índice chegou a 35% em 2020.

Assim como não é possível culpar a pandemia pelo aumento da fome, também não dá para jogar a responsabilidade na falta de alimentos. Mesmo na pandemia, o Brasil continuou produzindo comida de sobra. O problema, alerta a FAO, é a falta de políticas sociais e a desigualdade. Torero diz que a pandemia acentuou a desigualdade e fez com que uma enorme parcela da população passasse a não ter mais como comprar comida. •

BIG



# A MISÉRIA COMO PRESENTE DE NATAL DO GOVERNO

**A**s ruas brasileiras mostram a gravidade da situação social provocada pela política econômica cruel do governo Bolsonaro: a cada dia, legiões de miseráveis ocupam praças, sinais de trânsito e outros locais em busca de uma ajuda para comprar um pedaço de pão ou qualquer alimento.

Os números mostram 20 milhões de pessoas sem ter o que comer no dia a dia e 120 milhões em situação de insegurança alimentar. São mais de 14 milhões de desempregados e 15 milhões de subempregados. Um cenário dantesco.

Entretanto, o modelo neoliberal de inspiração pinochetista do atual governo excluiu, de uma hora para outra, 25 milhões de brasileiros dos benefícios sociais, com a extinção do Bolsa Família e do Auxílio Emergencial.

Dos 39,3 milhões de ambos os programas, o número caiu agora para 14,5 milhões de pessoas. Um completo absurdo: mais de 10% da população brasileira vai engrossar a fila dos famintos, num momento em que, por causa da política econômica que não gera empregos nem renda, o desalento toma conta do povo brasileiro.

O governo bate bumbo em torno do Auxílio Brasil, com a promessa de pagar no ano que vem R\$ 400 de benefício, e tenta esconder que 25 milhões de pessoas estão sem nenhuma proteção social. Também omite que o novo programa, de cunho eleitoral – porque a promessa dos R\$ 400 só dura até fecharem as urnas do ano que vem – joga na incerteza milhões de pessoas que por 18 anos foram beneficiadas pelo exitoso Bolsa Família,



criado por Lula e que se tornou referência mundial.

O tamanho do buraco? É mais do que a população de Minas Gerais sem nenhuma renda mínima!

É preciso refletir sobre essa mudança atroz. Sem emprego, mais de 40 milhões de brasileiros e brasileiras se socorreram do auxílio emergencial, que no primeiro momento da pandemia, graças ao Congresso Nacional, foi de R\$ 600, valor depois cortado para um terço pelo governo Bolsonaro.

Desde então, o número de beneficiados diminuiu num ritmo absolutamente incomparável com a geração de trabalho, o que condena os excluídos à miséria absoluta.

Pior. A política econômica ultraliberal de Bolsonaro e Paulo Offshore Guedes, só faz aumentar a desesperança e o desespero entre o povo, enquanto crescem as fortunas em paraísos fiscais e o sistema financeiro – leia-se bancos – tem lucros bilionários.

Embora o número de pessoas que encontraram ocupação tenha crescido em 4 milhões desde o início do ano até agosto, ainda havia no país 3,5 milhões de pessoas ocupadas a menos que antes da pandemia. A queda só não é maior porque o número de trabalhadores por conta própria cresceu 1 milhão, a maioria em condições precárias. Ao mesmo tempo, a população em idade de trabalhar cresceu mais de 5 milhões.

Com isso, o país tem hoje quase 9 milhões de pessoas que ficaram desocupadas ou que, sem encontrar ocupações, saíram da força de trabalho desde o início da pandemia. Apesar disso, o governo considerou que é hora de reduzir em mais 25 milhões o número de beneficiários de

transferências que ajudaram a população a sobreviver neste período tão difícil.

O PT tem um projeto, o PL 4086/2020, de ampliação do Bolsa Família, que garante R\$ 600 às pessoas que não têm renda, estão na informalidade ou trabalhando em condições precárias. Isso significa 50% a mais do que o governo promete com o chamado Auxílio Brasil. Com uma diferença abissal: o Bolsa Família, extinto pelo governo, significa cidadania e interligação entre os programas sociais, envolvendo da educação infantil à saúde da mulher. Benefício condicionado ao cumprimento de compromissos, em geral em saúde e educação.

O Auxílio Brasil não tem calendário de pagamento, valores dos benefícios ou critérios de renda dos contemplados. A proposta do PT é diferente da do governo e consiste em voltar com o auxílio emergencial de R\$ 600, enquanto durar a pandemia e manter o Bolsa Família.

Com Bolsonaro, a extinção dos programas sociais levou a fatia da população pobre passar de 25,2% no primeiro trimestre de 2019 para 29,5% em janeiro de 2021. Os que viviam na extrema pobreza no mesmo período somavam 6,1% dos brasileiros e passou a ser 9,6%.

Vem aí o chamado período de festas, mas, definitivamente, não há o que celebrar diante deste governo antinacional, antipopular e patrocinador da destruição da natureza, dos direitos sociais, econômicos e trabalhistas do povo brasileiro. A condenação à miséria é o presente de Natal que o governo Bolsonaro – o pior da história – reservou para milhões de famílias que, já no final de novembro, passarão a ter renda zero. •

Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, é líder do PT na Câmara dos Deputados

# HELENO TERIA ORDENADO ATAQUES AO STF

Musa do bolsonarismo, Sara Winter afirmou à Polícia Federal na segunda-feira, 22, que recebeu ordens do General Augusto Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República, e apelos das deputadas Bia Kicis (PSL-DF) e Carla Zambelli (PSD-SP) para que direcionassem os ataques do acampamento 300 do Brasil, no ano passado, contra o Supremo Tribunal Federal. Heleno e Kicis negam as acusações.

O depoimento de Sara Giromini reabre as feridas da crise institucional que mergulhou o Palácio do Planalto no centro das investigações do STF sobre atos antidemocráticos e a rede de fake news administrada pelo Gabinete do Ódio. Sara ficou presa por ordem do relator dos casos, o ministro Alexandre de Moraes, e retirou a tornozeleira eletrônica em julho.

No depoimento à PF, a militante de ultradireita declarou que participou de uma reunião com Heleno no Palácio do Planalto em meados de 2020. Nessa época, os 300 do Brasil estavam acampados na Esplanada. Depois, tornariam-se alvo do STF por ataques à corte. Um deles envolveu o uso de fogos de artifício contra o prédio do tribunal.

Segundo ela, Heleno pediu então que o grupo não protestasse mais contra Rodrigo Maia (DEM-RJ), então presidente da Câmara. Heleno disse que poderiam fazer protestos contra o tribunal. •



## A FUGA DE OLAVO

PT convoca o general Braga Netto, ministro da Defesa, a explicar a participação de avião da Força Aérea na fuga do astrólogo e guru de família Bolsonaro. Jorge Solla (PT-BA) quer explicações

O deputado federal Jorge Solla (PT-BA) quer a convocação do ministro da Defesa, General Braga Netto, para prestar esclarecimentos à Comissão de Fiscalização Financeira e Controle da Câmara, sobre a utilização de avião da Força Aérea Brasileira (FAB) pelo astrólogo Olavo de Carvalho, guru da família do presidente Jair Bolsonaro, para deixar o país.

Olavo deixou o Brasil no dia 11, de maneira imprevista, após a Polícia Federal intimá-lo a depor no inquérito que investiga a existência de 'milícias digitais' utilizadas para enfraquecer as instituições democráticas brasileiras. Olavo ignorou a intimação da PF e deixou o país rapidamente, de maneira suspeita.

Na terça-feira, 16 o "professor" Olavo fez uma transmissão via YouTube da biblioteca de sua casa, nos Estados Unidos, informando que estava em território americano. "Estou em casa, a mesma de sempre. A história é muito breve: eu estava no hospital e me ofereceram um voo repentino. Eu fui, entrei no avião e viemos para cá",

contou. A "carona" na FAB foi possível porque um jatinho foi enviado aos EUA para buscar o ministro Fábio Faria (Comunicações).

"Eu falei não vou ficar aqui sentado esperando que eles me convoquem um dia. Se apareceu a oportunidade de ir embora, vamos embora", ironizou. A denúncia foi publicada em uma rede social da escritora Daniela Abade, que narrou o passo a passo da fuga.

Olavo estava no Brasil desde julho, quando foi internado em razão de problemas de saúde. Ele foi intimado a depor na PF em 9 de novembro, data em que o escritor informou que ainda recebia tratamento médico. Uma semana depois, Olavo já estava nos EUA, onde gravou um vídeo em que contou ter surgido um voo "repentino" para que ele pudesse voltar aos EUA. "Eu estava no hospital e me ofereceram um voo repentino para dali a 15 minutos. Eu não ia perder essa oportunidade. O pessoal chama de saída à francesa", disse em seu canal no YouTube. •



Márcia Foletto/O Globo

## MASSACRE

Os corpos de nove pessoas foram encontrados na manhã de segunda

Em nota, o PT do Rio também cobrou responsabilidades. “Mais uma vez a política de segurança genocida do Estado do Rio de Janeiro mostra a sua face”, aponta a Executiva Estadual. “De acordo com relatos de moradores, o que houve foi uma chacina, já que a polícia executou e torturou as vítimas”. Segundo o partido, foi o mesmo modo de atuação empregado no Jacarezinho durante operação que deixou 28 mortos, em maio deste ano.

“O PT-RJ repudia essas ações e cobra esclarecimentos urgentes da Justiça sobre as possíveis violações de direitos humanos praticados pelos agentes públicos nas comunidades. Nosso povo quer viver e viver com segurança e dignidade. Chega de violência e extermínio nas favelas do Rio!”, diz a nota.

A chacina de Salgueiro é uma afronta à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que limitou operações policiais em comunidades do Rio de Janeiro desde junho do ano passado até o fim da pandemia da Covid-19. Ainda assim, 766 pessoas morreram em ações da polícia em favelas no estado, segundo dados do Instituto Fogo Cruzado.

Em 5 de junho de 2020, entrou em vigor a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF), instituída provisoriamente pelo ministro Edson Fachin. A decisão do STF era direta e sem meias interpretações: “Sob pena de responsabilização civil e criminal, não serão realizadas operações policiais durante a epidemia do covid-19, salvo em hipóteses absolutamente excepcionais”, diz o despacho de Fachin. A decisão da Suprema Corte vem sendo ignorada pela polícia. •

## A CHACINA NOSSA DE CADA DIA

PT cobra investigação sobre crime hediondo em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. “Não podemos mais aceitar política de segurança pública que dá medo e insegurança na população”, critica Benedita da Silva

**A** nestesiada pela violência gratuita e diária, a mídia anunciou no início da semana mais uma ação mortal do Batalhão de Operações Especiais (Bope) no Complexo do Salgueiro, comunidade de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Nove corpos foram encontrados na manhã de segunda, 22. Os mortos foram retirados de um manguezal, no bairro das Palmeiras.

Segundo relatos de moradores, durante a ação policial promovida pelo Bope houve tiroteios entre policiais militares e traficantes. Na manhã de domingo, 21, uma idosa foi atingida no braço por uma bala perdida e o sargento Leandro Rumbelsperger da Silva, do 7º BPM, acabou morto.

A resposta à morte do sargento, foi o massacre. Ex-governadora do Rio de Janeiro, a atual deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ) reagiu indignada. “Não podemos mais aceitar uma política de segurança pública que dá medo e

insegurança na população. Onde polícia e bandido parecem adotar o mesmo comportamento fora da lei”, criticou.

A chacina do Salgueiro mobilizou o Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas (ONU) para Direitos Humanos. Segundo o UOL, o órgão fez um apelo nesta terça por investigações independentes do caso. “Nosso escritório pede ao Ministério Público que conduza uma investigação independente, completa, imparcial e eficaz sobre essas mortes, de acordo com padrões internacionais”, afirmou a porta-voz Marta Hurtado.

Presidenta nacional do PT, a deputada federal Gleisi Hoffmann (PR) também cobrou apuração de responsabilidades. “Mais uma chacina no Rio, mais um episódio de truculência, mais uma vez numa região onde vivem trabalhadores, negros e pobres na maioria. Até quando vamos tratar como se fosse normal? O povo não merece violência, o povo quer e precisa de atenção do Estado”, defendeu.

# A QUESTÃO DEMOCRÁTICA

Como uma orquestra bem ensaiada, jornais e emissoras de TV começam a divulgar a fake news de que Lula apoia “ditaduras”, como a da Nicarágua. E, claro, não tem compromisso com a democracia. Uma fake news requentada, que se repete sempre na mídia oligárquica em terras tupiniquins. Mas quem tem compromisso com a democracia, forjado na luta contra a ditadura, é Lula e o PT

## Marcelo Zero

**O** bolsonarismo arrependido, mais conhecido como a turma da “terceira via”,



que não é terceira, nem via para coisa nenhuma, acusou o golpe. A viagem de Lula a Europa, um êxito político estrondoso, acendeu uma gigantesca luz vermelha nas hostes dos golpistas de

2016. Lula mostrou que é o único líder político brasileiro que tem o respeito e a admiração das forças progressistas e democráticas do mundo.

A nossa velha mídia tentou, inicialmente, ignorar o périplo. Mas, ante a repercussão internacional, acabou tendo que noticiar alguma coisa. Bem menos que as confusões das primárias do PSDB, que mereceram longas horas de exposi-

ção na mídia, mas, ainda assim, alguma coisa.

Agora, contudo, vem a resposta desesperada daqueles que querem manter vivo o autoritário e reacionário programa econômico e social do Golpe de 2016. É necessário, de novo, atacar Lula e começar a fazer o trabalho sujo de impedir a sua eleição.

Assim como em 2018, valerá tudo para se conseguir esse objetivo antidemocrático. Seguindo os ensinamentos e as práticas de Bannon et caterva, os defensores

do programa antidemocrático apelarão para fake news, mentiras e distorções para atacar Lula. É o que acontece agora.

Como uma orquestra bem ensaiada, os jornalões e as televisões começaram a divulgar a fake news de que Lula apoia “ditaduras”, como a da Nicarágua, e, conseqüentemente, não tem compromisso com a democracia.

Na realidade, uma fake news requentada, que se repete sempre na mídia oligárquica e reacionária. Tentam, como de hábito, equiparar Lula a Bolsonaro, supostos “males idênticos de signos opostos”. Uma piada intelectual e política, fruto de falta de conhecimento real da obra de Hannah Arendt, combinada com interpretação deficiente de textos e má-fé.

A nova fake news baseou-se numa entrevista que Lula concedeu ao jornal espanhol *El País*. Diga-se de passagem, o entrevistado foi muito elogiado, em editorial, por esse jornal conservador da Espanha, que reconheceu Lula como um líder social-democrata, autenticamente comprometido com o progresso social e a democracia.

Porém, a nossa impoluta imprensa, ao contrário da mídia europeia, pinçou frases fora de contexto na entrevista para transmitir uma mensagem inversa à do editorial do *El País*. Mediante acrobacias semióticas despudoradas, parte da imprensa nacional apresentou sua convicção de que Lula, por não ter criticado abertamente o regime nicaraguense, manifestou traços autoritários, quiçá stalinistas. Só faltou o proverbial Power Point.

Na realidade, Lula não criticou o regime de Ortega, mas também não o defendeu, pois afirmou não ter amplo conhecimento da política recente da Nicarágua. Apenas disse, com amplo conhecimento de causa, que

ele fora preso para não participar nas eleições de 2018, o que é mais pura verdade.

Em primeiro lugar, é irônico ver gente que apoiou o Golpe de 2016, a Lava Jato, a prisão ilegal e política de Lula e a eleição de Bolsonaro falar em democracia. Praticamente destruíram a democracia do Brasil e, agora, se preocupam com a oposição da Nicarágua? Só rindo. Onde está a autocritica dessa gente? Em Miami? Foi depositada em alguma offshore?

## ESTADÃO, FOLHA E GLOBO ATACAM LULA PELA ENTREVISTA AO EL PAÍS, QUE ELOGIOU O PETISTA EM EDITORIAL COMO SOCIAL-DEMOCRATA LATINO-AMERICANO

Em segundo, se tem alguém com autoridade moral para falar de democracia no Brasil são Lula e o PT. O PT e Lula nasceram da luta democrática. De fato, a principal característica do PT diz respeito ao compromisso com a democracia e seu aprofundamento.

O amálgama que uniu e estruturou o PT foi justamente a luta contra a ditadura e pela democratização do país. Por isso, o PT definiu-se, desde o início, como um partido socialista e democrático, que buscava não apenas

uma democracia formal e institucional, mas uma democracia substantiva que assegurasse, a todos os cidadãos, o pleno usufruto dos direitos políticos, sociais e econômicos.

A centralidade da democracia nos princípios e no programa do PT o distinguiu de alguns outros partidos de esquerda brasileiros, que tinham, na época, uma visão instrumentalizada das instituições democráticas e das entidades sindicais. Assim, o Partido dos Trabalhadores do Brasil tem a democracia em seu DNA político. Isso se refletiu amplamente nos governos do PT, tanto nos federais quanto nos estaduais e municipais.

Com efeito, os governos do PT, em oposição às tradições políticas brasileiras, empenharam-se fortemente no fortalecimento das instituições democráticas, na abertura de canais de participação direta da população nas instâncias decisórias do Estado, na separação entre os poderes e na condução da coisa pública de forma inteiramente republicana. Alguns até hoje criticam essa “inocência” democrática do PT.

Mas a contribuição principal do PT à democracia brasileira se deu pela via da criação de condições econômicas e sociais que sustentam as grandes democracias. De fato, embora os direitos civis e políticos sejam os direitos fundantes das democracias, são os direitos sociais e econômicos que lhe dão sustentação concreta.

Não há democracia real e substantiva sem uma classe média robusta, sem mecanismos de distribuição de renda, sem um Estado de bem-estar sólido, sem acesso amplo e gratuito à educação de qualidade e à saúde, sem acesso à informação plural, sem uma economia que assegure a geração de empregos decentes etc.

Pois bem, ao eliminar a pobreza extrema e a fome, ao elevar dezenas de milhões de excluídos à classe média, ao gerar milhões de empregos decentes e aumentar o salário-mínimo, ao abrir as portas das universidades para negros e pobres, ao multiplicar as vagas do ensino técnico e superior, entre muitas outras realizações, os governos do PT deram contribuição histórica à democracia brasileira.

Na realidade, Lula e o PT fizeram mais pela democracia brasileira que todos os outros governos somados. Fato. O resto é Power Point. Os governos que sucederam os do PT, graças a um golpe feito com o apoio dos que hoje se preocupam com a democracia da Nicarágua, implantaram, porém, um programa econômico e social, a “Pinguela para o Passado”, que enfraquece estruturalmente a democracia brasileira.

A atual crise mundial das democracias, da política e dos sistemas de representação se origina no fracasso monumental do modelo neoliberal, que gera desigualdade, desemprego e precariedade laboral, pobreza, destruição de direitos, anomia social, desencanto, desesperança e ódio. Isso cria o caldo de cultura no qual nadam os neofascistas, como Trump, Bolsonaro, Orbán e tantos outros.

Preocupado com essa tendência destrutiva, o PT apresentou o “Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil”, em setembro do ano passado. Amplamente ignorado por nossos “democratas”, tal plano propõe medidas e políticas concretas e exequíveis para tirar o Brasil da presente crise e reconstruir as bases econômicas e sociais do aprofundamento da democracia brasileira. Além disso, o plano propõe medidas específicas para tal aprofundamento, como a implantação de mecanismos de democracia direta no país.

Em contraste, a “terceira via”, preocupada com a democracia nicaraguense, mas insensível à democracia do Brasil, insiste no modelo da “Pinguela para o Passado”, o qual inexoravelmente enfraquecerá ainda mais a democracia brasileira.

A bem da verdade, nossas oligarquias nunca tiveram compromisso firme com a democracia. Sempre foi muito mais com as aparências – às vezes, nem isso –, não com uma democracia real e substantiva. Com uma democracia para todos.

Nossas oligarquias, assim

## A MÍDIA NATIVA EXIGE QUE LULA CONDENE ORTEGA, MAS TRANSMITIRÁ A COPA DO QATAR, DITADURA MEDIEVAL, SEGUNDO A REVISTA THE ECONOMIST

como o Departamento de Estado dos EUA, têm um comportamento hipócrita e cínico, em relação à democracia, aos direitos humanos e à corrupção. Esses temas são frequentemente instrumentalizados para perseguir adversários políticos. No caso das nossas oligarquias, adversários internos. No caso dos EUA, adversários externos.

Com efeito, o Departamento de Estado critica e persegue

países com regimes que lhe são hostis ou não cooperativos – Cuba, China, Nicarágua, Irã, Coreia do Norte etc. –, mas, ao mesmo tempo, protege e incentiva regimes francamente ditatoriais considerados “amigáveis”, como o da Arábia Saudita, Emirados Árabes, Qatar, Kuwait, Bahrein, por exemplo. Lembre-se que os EUA perseguiram e perseguem também regimes democráticos considerados perigosos aos seus interesses e os substituíram e os substituem por dóceis ditaduras. Os latino-americanos que o digam. Os brasileiros o sabem.

Em contraste, a diplomacia brasileira, antes do Golpe de 2016, tinha uma sólida e sensata posição de não cair nessas hipócritas armadilhas geopolíticas. O Brasil evitava condenações formais a países específicos, que normalmente servem apenas para a promoção de interesses políticos, que nada têm a ver com a promoção efetiva da democracia e com a proteção aos direitos humanos fundamentais.

O Brasil entendia, corretamente, que tal “singularização” não contribuía para resolver as questões relativas aos direitos humanos, até mesmo porque todos os países têm, em graus variados, problemas relativos à promoção de tais direitos e insuficiências democráticas. Ademais, essas intervenções econômicas, políticas e militares tendem a provocar grandes tragédias humanitárias, como as ocorridas na Líbia, no Iraque, na Síria, com custo de centenas de milhares de vidas perdidas. Mesmo bloqueios econômicos e comerciais, que se assemelham aos cercos medievais aos burgos, ocasionam também sofrimentos generalizados em populações inocentes.

A posição histórica da diplomacia brasileira vinha sendo a de evitar as condenações oportunistas, hipócritas e inúteis a cer-



tos países que não são do agrado dos EUA e aliados. Assim, o Brasil normalmente se abstinha ou apresentava posição contrária nas votações que visavam condenar e isolar nações como Cuba, por exemplo.

Tal posição não fora inventada ou introduzida pelos governos Lula e Dilma, como parecem crer alguns. Era uma posição já tradicional do Estado brasileiro, assentada nos princípios constitucionais que regem nossa política externa, como o da não-intervenção e o da autodeterminação dos povos. Para o nosso país, o tema dos direitos humanos e da democracia era demasiadamente importante para ser usado oportunisticamente por interesses políticos específicos.

Por isso, o Brasil, até o Golpe de 2016, preferia apostar na cooperação, na integração e no estrito respeito à soberania de todos os países, como forma de promover, progressivamente, o aperfeiçoamento das democracias e o reforço contínuo dos direitos humanos em todo o mundo.

Isso não significava omissão. Na última sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU feita ainda nos governos do PT, a 28ª, em 2015, o Brasil votou favoravelmente a 12 das 14 resoluções que foram a voto. Os EUA, em contraste, votaram favoravelmente a apenas quatro, tendo votado contra as outras dez.

Agora, contudo, grandes democratas e luminares da geopolítica, como Jair Bolsonaro e o General Augusto Heleno, exigem condenações severas e ações violentas contra Cuba, Nicarágua e Venezuela, contrariando as posições históricas do Brasil. Ressalta-se que tais exigências podem atender aos interesses da Doutrina Monroe, mas são incompatíveis com os interesses nacionais, que seriam muito melhor atendidos com negociações

## OPINIÃO

# Lula, el socialdemócrata latinoamericano

La candidatura a la presidencia de Brasil es la alternativa para acabar con el populismo de extrema derecha de Bolsonaro

## Lula em sua melhor forma



Em entrevista ao 'El País', ex-presidente debocha dos fatos, da memória da população e do regime democrático. Até comparou Daniel Ortega a Angela Merkel

Uma recente entrevista de Luiz Inácio Lula da Silva ao jornal *El País* confirma que o líder petista não mudou nada: continua achando que pode impor sua realidade paralela, com a pretensão de que tudo, rigorosamente tudo, deve se sujeitar a seus interesses. Sem qualquer constrangimento, debochou dos fatos, da inteligência alheia e do regime democrático. Quem julga merecer o voto de seus conterrâneos não pode se esconder em um mundo imaginário, regido pela irresponsabilidade e pela mendacidade.

A título de defender a permanência ilimitada no poder de autocratas esquerdistas latino-americanos, seus amigos do peito, teve a audácia de compará-los a líderes de inquestionáveis credenciais democráticas que governaram por mais de uma década. Questionado sobre os escandalosamente fraudulentas eleições na Nicarágua, que serviram para manter o governo ditatorial de Daniel Ortega, Lula comparou o tirano, pasme o leitor, à premiê alemã, Angela Merkel: "Por que Angela Merkel pode ficar 16 anos no poder e Daniel Ortega não?", perguntou o pe-

tista - que, convicto de que o leitor é mesmo um cretino, foi além: "Por que Margaret Thatcher pôde ficar 12 anos no poder, e (Hugo) Chávez não?".

Lula acrescentou que não pode "interferir nas decisões de um povo", desconsiderando que o povo a que ele se refere não pôde tomar decisão nenhuma, já que as "eleições" na Nicarágua e na Venezuela são apenas cenográficas, como sabem os governos de países civilizados que contestam seus resultados.

A respeito da proibição de manifestações em Cuba, Lula não teve pudor em relativizar mais essa incontestável violação de direitos humanos, tratando como coisa corriqueira, comum em todos os lugares. "Essas coisas não acontecem só em Cuba, mas no mundo inteiro. A polícia bate em muita gente, é violenta. (...) Precisamos parar de condenar Cuba e condenar um pouco mais o bloqueio dos Estados Unidos", disse o líder petista.

É realmente impressionante a devoção de Lula a um regime violento e opressor. Estamos em pleno século 21, não há nenhuma dúvida sobre o caráter autoritário do Estado cubano e mesmo assim o líder petista segue em absurda subserviência. Sempre foi vergonhosa a atitude do PT em relação a Cuba; no momento atual, é estupidéz negacionista em sua face mais desumana.

Como gosta de se dizer perseguido pela Justiça, Lula deveria ao menos ter alguma empatia por presos políticos de outros países; afinal, são pessoas que, em tese, estariam em situação similar à sua. Mas não, Lula não tem qual-

quer apreço pelos cidadãos perseguidos, por exemplo, por Daniel Ortega. "Não posso julgar o que aconteceu na Nicarágua. Eu fui preso no Brasil. Não sei o que essas pessoas fizeram. Só sei que eu não fiz nada", disse o petista, sugerindo que os presos políticos na Nicarágua talvez tenham feito por merecer o calabouço.

Além de indiferença com os direitos humanos e de explícita simpatia por ditadores, Lula mostrou, na entrevista, ideias bem peculiares sobre o funcionamento de uma democracia. "O problema da democracia em Cuba não será resolvido instigando os opositores a criar problemas para o governo", disse o líder petista.

A mensagem é clara. Lula não quer ver ninguém criando problema para governos que são seus amigos. Nesses casos, cabe à oposição apenas colaborar com o governo. E se não houver essa gentil parceria, os opositores perseguidos não devem esperar solidariedade de Lula ou do PT. Afinal, não fizeram a sua parte.

Tal proposta, por si só, avilta a ideia de democracia e pluralidade. Feita por Lula - que sabotou todos os governos a quem fez oposição - é pura desfaçatez.

Na entrevista, Lula defende Hugo Chávez, Daniel Ortega e a ditadura cubana, mas, ora vejamos, não se encontra uma mínima defesa de Dilma Rousseff. Está claro que o líder petista não deseja falar daquela que lhe sucedeu no Palácio do Planalto. Compreende-se: é um tema difícil, que remete à brutal crise social e econômica que o PT levou ao País. Melhor falar do bloqueio americano a Cuba. ■

**DIFERENÇAS** Em editorial, *Estadão* condena Lula por "apoiar a ditadura" da Nicarágua. Já o espanhol *El País*, elogia o ex-presidente apontando-o como alternativa para "acabar com populismo da extrema-direita" no Brasil

pacíficas, de modo a manter nossa região livre de conflitos açulados por grandes potências.

Da mesma forma, a mídia conservadora exige que Lula condene Ortega, mas transmitirá de bom grado, com os salamaleques de hábito, a Copa do Qatar, ditadura medieval, que, de acordo com o Democracy Index 2020, da sisuda e conservadora *The Economist*, tem nota inferior à da Nicarágua, no que tange à democracia.

Aliás, essa mesma imprensa não fez nenhuma crítica a Bolsonaro por ter ido visitar recentemente as ditaduras medievais do Golfo Pérsico, esbanjando cinismo e dinheiro público. Afinal, há muitos negócios envolvidos. Negócios que interessam também

à grande mídia e aos arautos da terceira via. Nicarágua e Cuba são pobres.

Assim sendo, a única grande questão democrática que realmente interessa aos brasileiros em 2022, não é condenar ou não Daniel Ortega. É a seguinte: quais candidatos têm um programa crível que permita reconstruir e aprofundar a fragilizada democracia brasileira? Até agora, só tem um grande candidato que tem programa, compromisso histórico e prestígio internacional para cumprir tal missão vital: Lula. O resto é cinismo e Power Point. •

Sociólogo, é especialista em relações internacionais e assessor da liderança do PT no Senado Federal.



Arquivo

# “O ENEM CORRE RISCO SOB ESTE GOVERNO”

Pedro Camarão

**M**inistro da Educação de 2005 a 2012, Fernando Haddad afirma que o sistema de funcionamento do ensino brasileira está sendo desmontado e destruído pelo governo Bolsonaro. O mais longo político à frente do MEC demonstra grande preocupação com o que pode acontecer com o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem).

Quando comandava o MEC, nos governos Lula e Dilma, o exa-

me passou a ser porta de entrada para todas as universidades federais e isso pode acabar sendo colocado em risco diante da forma como o atual governo vem maltratando o ensino público. Além dos problemas com a prova, o advogado e economista também faz duras críticas ao governo pelo conjunto de maldades que vem administrando com crueldade a educação pública. A seguir, trechos da entrevista concedida à revista Focus Brasil.

**Focus Brasil – O ENEM desse ano foi marcado por um escândalo**

**que colocou em risco a realização da prova. Foi o exame com a menor participação da história e, como sempre, alvo de ironia do presidente da República, que deveria zelar pelo bom funcionamento do Estado. Qual é a avaliação que o senhor faz de tudo isso?**

Fernando Haddad – Eu vejo dois problemas sérios em relação ao Enem deste ano. Em primeiro lugar, o desestímulo a que os estudantes prestem o exame. O governo está criando obstáculos cada vez maiores a que as pessoas se inscrevam e disputem as cente-

nas de milhares de vagas que foram criadas nos nossos governos por programas como o Prouni e pela expansão das universidades federais, inclusive com a criação do sistema de reserva de vagas. Este é um primeiro problema grave. O segundo é colocar em risco a reputação do exame, construída junto às universidades federais que abriram mão dos seus processos seletivos para aderir ao exame nacional. Isso foi uma conquista do governo Lula no ano de 2009 com a criação do Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Isso é muito grave. E se o governo continuar insistindo nisso vai colocar a perder uma das maiores conquistas de democratização do acesso à educação superior.

#### **– Num pequeno exercício de futurologia, será que o Enem do ano pode ser ainda pior?**

– É possível. Isso porque o governo não está tomando nenhuma providência para garantir o próximo Enem. Inclusive, com a denúncia recente de que o banco de itens para a elaboração da prova está esvaziado. Quer dizer, o governo há três anos não contrata professores, pré-testes para compor o banco de itens que é uma condição sem a qual o exame, da maneira como foi concebido – que segue uma regra que se chama Teoria da Resposta ao Item, isso permite calibrar, justamente, de um ano para o outro o grau de dificuldade da prova permitindo comparação entre provas diferentes. Sempre foi um grande mérito do Enem. E pode se perder se não houver uma rápida contratação de questões para o banco de itens.

#### **– Qual é a perspectiva do senhor sobre a política educacional colocada em prática pelo atual Ministério da Educação?**

– Definitivamente, não existe política educacional no Brasil a não ser a do desmonte e da des-

truição. É corte de bolsas de iniciação à docência, bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado, corte do orçamento de custeio das universidades e institutos federais e cortes drásticos no CNPq. Os cientistas brasileiros estão atônitos com o que está acontecendo. O total desrespeito aos professores, tanto da Educação Básica quanto da Educação Superior, e o naufrágio dos anúncios feitos no primeiro ano do governo Bolsonaro: Future-se, Escola Cívico-Militar... São coisas que nem saíram do papel, para falar a verdade. O que tem é um grande desmonte, uma gestão da pandemia na área da educação que é sofrível. Nós vamos ter muito trabalho para recuperar o tempo perdido. Enfim, é uma situação realmente dramática.

#### **– Sobre o desinvestimento nas universidades e em bolsas de pós-graduação, o senhor acredita que o sistema aguenta o desmanche por mais um ano, até que Bolsonaro seja derrotado em 2022?**

– Nós temos que vencer a eleição no ano que vem. Vamos derrotar o bolsonarismo porque o país não aguenta. No máximo, o Brasil aguenta mais um ano desse jeito. O povo passa fome, estudante está evadindo do ensino médio e da universidade. Eu não sei até que ponto podemos chamar isso de aguentar. Na verdade, o sofrimento da população está no presente. Preço do combustível, dos alimentos, desemprego, inflação... É realmente um sofrimento muito grande. Então, não aguenta mais. Mas temos que ter força para chegar na eleição e derrotar nas urnas o bolsonarismo, de preferência no primeiro turno para liquidar de vez a possibilidade de um retrocesso ainda maior do que estamos vivendo. Então, a tarefa agora é reunir todas as forças democráticas nacionais para colocar fim a esse pesadelo. •

## **ENEM REGISTRA A MENOR PARTICIPAÇÃO**

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) registrou o menor comparecimento na prova em 2021, do que em 2020, quando a prova foi realizada em janeiro, no auge da pandemia. A edição deste ano teve o menor número de inscritos em 15 anos.

O governo Bolsonaro comemorou a taxa de abstenção de 26%, considerada baixa. Mas o número de estudantes que fizeram a prova no 1º dia foi mais baixo que na edição do ano passado, quando a abstenção chegou a 50%.

Até o momento, o MEC apresentou, por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), órgão responsável por elaborar e aplicar a prova, apenas os dados de inscritos e os percentuais de presentes e ausentes. Foram 3.109.800 inscritos, com comparecimento de 74%. Isso significa que apenas 2,3 milhões de estudantes fizeram a prova.

No Enem de 2020, houve 5.523.029 inscritos. Exatamente 2.680.697 estudantes compareceram e 2.842.332 faltaram ao 1º dia. Uma diferença de cerca de 300 mil alunos. Não é possível saber o número exato porque o MEC não apresentou dados completos.

“É menos da metade daqueles que se inscreveram nas últimas edições”, criticou a presidente da UNE, Bruna Brelaz. “Isso é muito grave para todos aqueles que acreditam que o ensino superior é um caminho importante no país. Será o Enem mais branco e desigual da história”. •



# LÍDERES EM REJEIÇÃO

O presidente Jair Bolsonaro e o ex-ministro Sérgio Moro são os dois campeões em impopularidade nacional. Ambos têm mais de 60% da repulsa do eleitorado nacional, segundo a Quaest. À exceção de Lula, que lidera todos os cenários, os dois candidatos da direita enfrentam grandes dificuldades eleitorais

## Matheus Tancredo Toledo

Neste artigo, trazemos as análises do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo sobre os dados das últimas pesquisas de opinião pública quanto à rejeição dos possíveis candidatos à Presidência nas eleições de 2022. Ainda há dados por raça/cor, de acordo com os levantamentos que permitem verificação sob este recorte. Os dados são desanimadores para os dois

candidatos da direita: Jair Bolsonaro e Sérgio Moro.

Os levantamentos mais recentes trazem informações que permitem analisar o grau de rejeição eleitoral dos possíveis candidatos. De acordo com a última aferição da Quaest, dois em cada três brasileiros não votariam em Jair Bolsonaro. Sua rejeição é de 67%.

É quase o número que afirma o mesmo em relação ao ex-juiz Sérgio Moro (Podemos-PR). De acordo com o instituto, 61% dos brasileiros afirmam que conhecem e não votariam no ex-ministro da Justiça. O governador de

São Paulo, João Doria (PSDB), vem na sequência, com 58% de rejeição eleitoral. É quase o mesmo percentual do quarto colocado no ranking de rejeição: o pedetista Ciro Gomes (53%).

Somente em quinto lugar vem o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com rejeição de 39% do eleitorado. Os últimos três colocados deste ranking são nomes pouco conhecidos: o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM) – 36% de rejeição e 56% de desconhecimento – o governador gaúcho Eduardo Leite (PSDB) – 29% de rejeição e 59% de desconhecimento – e o

pré-candidato do Novo, Felipe Dávila – 20% de rejeição e 75% de desconhecimento.

Neste momento, à exceção de Lula, todos os nomes são rejeitados por mais de 50%, e os que não o são, são pouco conhecidos. Com esse cenário, é possível afirmar que a maioria dos brasileiros neste momento não querem Bolsonaro, nem Moro.

### Entre o eleitorado negro e preto, maioria quer o ex-presidente Lula

O Noppe tem ressaltado, em seus últimos boletins, que o recorte raça/cor é importante para compreender a rejeição de Bolsonaro. E poucas pesquisas trazem tal recorte, um dado relevante para entender a opinião pública. Em razão do Dia da Consciência Negra, celebrado no dia 20 de novembro, trazemos os dados mais recentes. As duas últimas pesquisas que trouxeram esse recorte são de setembro de 2021, feitas pelos institutos IPEC, o antigo Ibope, e pelo Datafolha.

De acordo com os dois institutos, o segmento da sociedade brasileira que se declara de raça/

## O SEGMENTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA QUE SE DECLARA DE RAÇA/COR PRETA OU NEGRA ESTÁ ENTRE OS QUE MAIS REPROVAM BOLSONARO

cor preta ou negra está entre os que mais reprovam Bolsonaro. No levantamento do Datafolha, são 59%. No do IPEC, 56%. A aprovação em ambas as pesquisas já estava abaixo dos 20%, patamar observado no total geral da população somente entre outubro e novembro. Entre os brancos, segundo a IPEC, 25%

consideram o governo ótimo/bom e 50% ruim/péssimo, números ligeiramente mais favoráveis ao presidente.

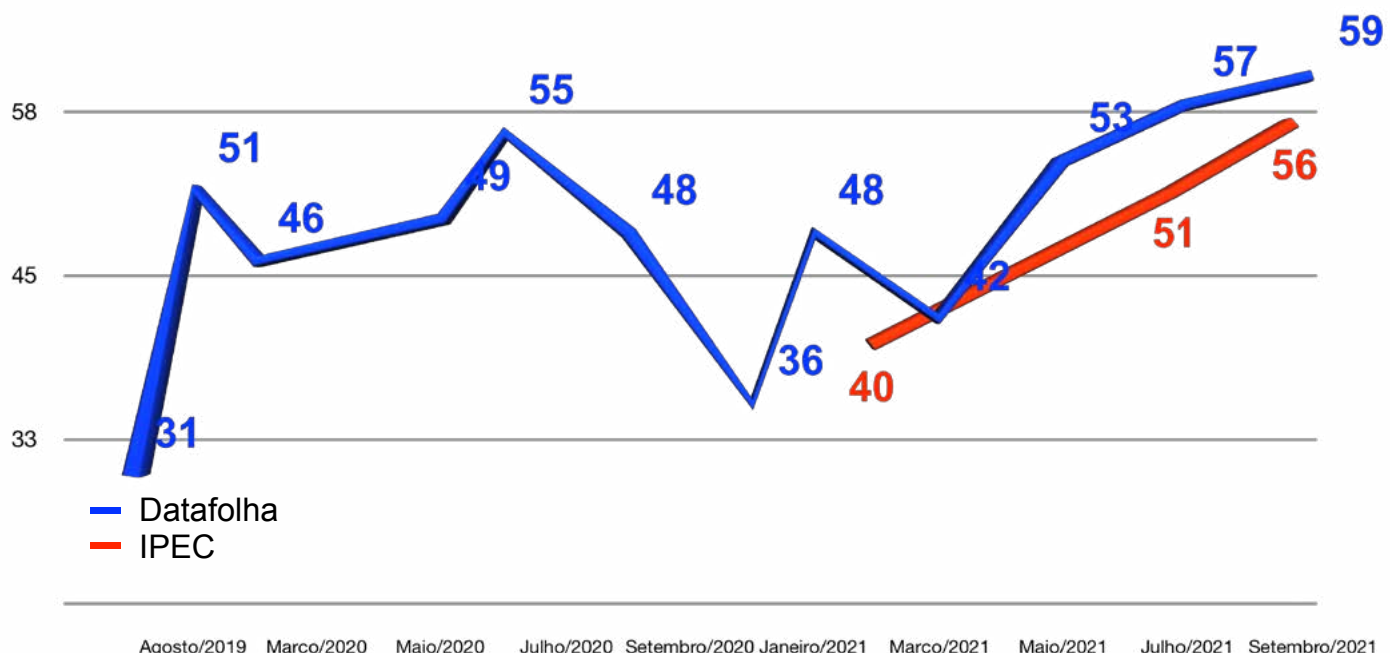
Isso se verifica nos dados de intenção de voto. O desempenho de Lula nas simulações de primeiro turno é um dos mais fortes entre todos os segmentos. O ex-presidente tem de 57% (Datafolha) a 52% (IPEC). Bolsonaro não passa dos 20% e os ditos nomes da chamada terceira via estão estagnados com um dígito nas mesmas pesquisas. Já entre os autodeclarados brancos, Bolsonaro tem 28% e Lula 43%, segundo o IPEC.

Os dados reforçam que o recorte por raça/cor é fundamental para entender a opinião pública brasileira. Há nítido contraste entre brancos e não-brancos, o que demonstra que a questão racial estrutural brasileira se reflete também no comportamento político e eleitoral dos brasileiros. Caberia a todos os institutos considerar essa questão essencial em seus relatórios de pesquisa. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

## Avaliação negativa do governo Bolsonaro

Por raça/cor, entre eleitores pretos e negros





# COMO O PT SALVOU O BRASIL: O RESULTADO NOMINAL

Os dados são incontestáveis: o comportamento do resultado nominal e sua análise comparativa no plano internacional não 'revela' que a economia brasileira viveu uma "crise terminal" ao cabo dos governos Lula e Dilma. É mais uma tese furada da mídia oligopolista brasileira e dos economistas ditos "liberais"

Eduardo Fagnani \*\*

Gerson Gomes \*\*

Guilherme Mello \*\*\*

**E**ste é o sétimo de uma série de artigos organizada para oferecer fatos e números que desconstruam as mentiras circulantes segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”. Essas mentiras, construídas e repetidas a partir da falsificação de alegados ‘fatos econômicos’ – que adotou-se como se fosse verdade e informação correta – inventa, divulga e repete o que é invariavelmente apresentado no noticiário e nas ‘análises’ políticas e econômicas como se fossem desmandos da condução da política



econômica do PT.

Nos artigos anteriores, demonstramos a falsidade dessa narrativa no comportamento da dívida externa; das reservas cambiais; da dívida pública interna e dos resultados primários. Neste artigo, analisamos e repomos a verdade sobre o resultado nominal. O comportamento desse indicador, e sua análise comparativa no plano internacional, absolutamente não ‘revela’ que a economia estivesse vivendo “crise terminal” ao cabo dos governos petistas.

O gráfico aqui publicado mostra que a média anual do déficit nominal no período 2003-2013 foi de -3,03% do PIB. Se consideramos o período 2003-2015 essa média subiu ligeiramente para 3,86% do PIB, patamar

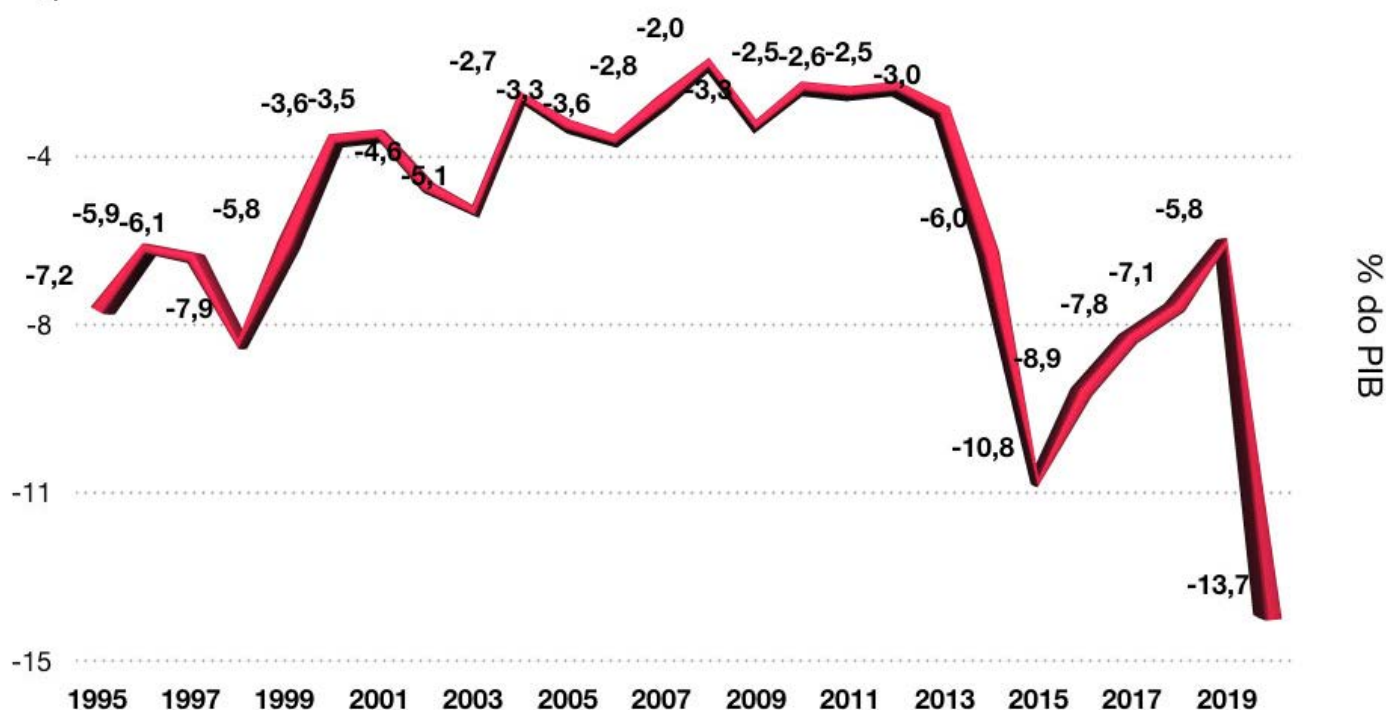
bem inferior ao verificado nos governos FHC – 5,57% do PIB.

É importante destacar que o déficit nominal ocorre apesar do notável esforço de geração de superávit primário ocorrido nos governos petistas – como demonstrado em artigo anterior. Isso porque a economia brasileira apresenta um elevado custo da dívida, decorrente dos altos juros, que tiveram uma tendência de queda nos governos petistas, mas ainda assim estavam acima da média internacional.

A diferença, sem dúvida, é que a maior parte das economias do mundo apresentam taxas de juros civilizadas, o que reduz seus déficits nominais e estabiliza a relação dívida e PIB mesmo com a existência de pequenos déficits primários. Neste caso, fica evidente que o verdadeiro desajuste brasileiro não está nas contas primárias, mas na conta de juros, completamente descolada da realidade global, apesar dos esforços de redução dos juros e da dívida feitos durante os governos de Lula e Dilma.

## Evolução do Resultado Nominal

Em percentual do PIB. 1995-2020



Fonte: Banco Central do Brasil. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. *Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira*. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século XXI, maio de 2021.

A piora do déficit nominal no biênio 2014-2015 também refletiu o cenário externo desfavorável, o esgotamento do ciclo de consumo, a não impulsão dos investimentos e a inflexão nos rumos da economia a partir do início de 2013, quando o Banco Central inicia um novo ciclo de elevação da taxa de juros, ampliando o endividamento público e restringindo a atividade econômica.

Esse movimento também decorreu da crise política, intensificada a partir de 2013, quando a oposição passou a apostar no Golpe de Estado contra a presidenta Dilma Rousseff, na instabilidade institucional e na imposição de limites legislativos para a condução da política econômica.

Mesmo assim, já se via, na comparação internacional, que o esforço fiscal brasileiro não estava desajustado. Os déficits nominais verificados nas gestões do PT estavam próximos de sua média histórica e abaixo da média dos países desenvolvidos.

A tabela que publicamos aqui mostra que esses países incorreram em expressivos déficits nominais após a crise financeira de 2007-2008. Entre 2009 e 2014, a média anual do déficit nominal nos EUA, Japão, Reino Unido, Irlanda, Espanha e Grécia variou entre 7% e 11% do PIB. Dentre as economias emergentes, destaca-se a Índia que, em igual período, apresentou, em média, déficit nominal de 7,7% do PIB ao ano.

Portanto, também no caso desse indicador, não se sustenta a afirmação de que a "crise" gerada pelos governos do PT teria sido "fundamentalmente crise de irresponsabilidade fiscal", como sustenta o arbítrio delirante de parte dos economistas e comentaristas econômicos na velha mídia nativa. Fato grave - mas não surpreendente - é que a visão liberal disseminada à custa de incansável repetição pela grande

## Resultado Nominal do Governo Geral (% do PIB)

PAÍSES	2007	2009	2010	2011	2012	2013	2014 *
<b>Economias desenvolvidas</b>	-1,3	-8,9	-7,8	-6,4	-5,7	-4,2	-3,9
EUA	-3,2	-13,5	-11,3	-9,9	-8,6	-5,8	-5,3
Japão	-2,1	-10,4	-9,3	-9,8	-8,8	-8,5	-7,7
Canadá	1,5	-4,5	-4,9	-3,7	-3,1	-2,8	-1,8
<b>União Europeia</b>	-0,9	-6,6	-6,4	-4,5	-4,1	-3,1	-2,9
Reino Unido	-3,0	-10,8	-9,8	-7,6	-7,8	-5,7	-5,7
<b>Zona do Euro</b>	-0,6	-6,2	-6,1	-4,1	-3,6	-2,9	-2,7
Alemanha	0,2	-3,0	-4,0	-0,8	0,1	0,2	0,6
França	-2,5	-7,2	-6,8	-5,1	-4,9	-4,1	-4,2
Itália	-1,5	-5,3	-4,2	-3,5	-3,0	-2,9	-3,0
Portugal	-3,0	-9,8	-11,2	-7,4	-5,6	-4,8	-4,5
Irlanda	0,2	-13,9	-32,4	-12,6	-8,0	-5,7	-3,9
Espanha	2,0	-11,0	-9,4	-9,4	-10,3	-6,8	-5,8
Grécia	-6,7	-15,2	-11,1	-10,1	-6,3	-2,8	-2,7
<b>Economias emergentes</b>	1,0	-3,7	-2,4	-0,7	-0,8	-1,7	-2,5
África do Sul	1,2	-4,7	-4,8	-3,9	-4,1	-4,1	-4,1
Argentina	0,3	-1,6	0,0	-1,9	-2,4	-2,0	-2,7
<b>Brasil</b>	-2,7	-3,2	-2,7	-2,5	-2,6	-3,1	-6,3
Chile	7,9	-4,1	-0,4	1,4	0,7	-0,5	-1,4
China	0,1	-1,8	-1,2	0,6	0,0	-1,1	-1,1
Colômbia	-0,8	-2,8	-3,3	-2,0	0,1	-0,9	-1,4
Índia	-4,4	-9,8	-8,4	-8,1	-7,5	-7,3	-7,2
Rússia	6,0	-6,3	-3,4	1,5	0,4	-1,3	-1,2

Fonte: IMF World Economic Outlook (WEO), abril 2015.  
(\* ) Preliminar

mídia passou a ser dominante na opinião pública.

Mas os dados demonstram que também no caso do resultado nominal o julgamento dominante serviu aos interesses dos protagonistas da farsa do impeachment da presidenta Dilma Rousseff. E o que aconteceu nos governos Temer e Bolsonaro?

Esses governos radicalizaram a agenda neoliberal, mergulharam o país na mais grave crise da história e fizeram com que déficit nominal saltasse para 7,4% do PIB, em média, entre 2016-2019 - quase o dobro da média anual verificada durante os governos do PT. Em 2020, por conta da pandemia, o déficit nominal atingiu -13,7% do PIB.

Nos próximos artigos de-

monstraremos, com mais fatos e dados, que os governos do PT salvaram o país. Com o aumento das reservas e a redução das taxas de juros foi possível praticamente zerar o peso dos títulos indexados ao câmbio no total e reduzir a proporção de títulos indexados à Selic, fortalecendo a posição do governo central contra as pressões especulativas do mercado.

\* Doutor em Economia pela Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT-UNICAMP)  
\*\* Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados  
\*\*\* Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (CECON-UNICAMP)



# KAST: PIOR QUE PINOCHET

O ponto culminante do projeto fascista e grotesco do candidato da ultradireita no Chile é uma reedição do sombrio Plano Cóndor, que nos dias de ditadores como Augusto Pinochet, Jorge Videla e companhia ceifou a vida de milhares de latino-americanos e condenou muitos outros ao exílio

Atilio A. Boron | *Página 12*

A vitória estreita de José Antonio Kast no primeiro turno da eleição presidencial – apenas 150 mil votos de diferença para Gabriel Boric em 7 milhões de eleitores – coloca o Chile à beira de um resultado sinistro. Por trás deste Führer de opereta, orgulhoso de seus ancestrais nazistas e admirador confesso de um tirano – e também ladrão – como Augusto Pinochet, hoje os restos em decomposição da tradicional direita chilena estão agrupados em massa.

Seus pérfidos personagens, aninhados em vários partidos, que a princípio o desprezaram e zombaram de seu ridículo, agora o exaltam como o Messias destinado a salvar o Chile das garras dos vândalos de esquerda ou dos alienígenas que a esposa do presidente Sebastian Piñera pensou ter visto nos grandes dias de outubro de 2019.

José Kast, como Jair Bolsonaro, Donald Trump e Santiago Abascal – o líder da Vox, com nostalgia ardente pelos bons tempos de Francisco Franco e da Santa Inquisição na Espanha – são as excrescências que a sociedade capitalista excreta uma vez dado início ao seu declínio irreversível. Os bons modos e as invocações hipócritas à democracia e aos direitos

Santiago Times



humanos dão lugar aos vômitos destes grotescos que aceleram a marcha da humanidade para a sua destruição.

Desde além dos Andes, veio a saudação exultante de Javier Milei, outro demagogo da mesma linhagem, que em tuíte enviou seus “parabéns por conseguir traduzir em votos uma proposta de superação do Chile e que ao mesmo tempo o afasta do socialismo empobrecedor. Viva a liberdade, cara\*jo”. Em plena sintonia com a estupidez do argentino, Kast respondeu: “Muito obrigado, queridos Javier. Viva a liberdade no Chi-

le e na Argentina, cara\*jo!”

Para além destas manifestações, o que interessa é o que este sujeito e a multidão reacionária que o rodeia e levanta – e que nesta segunda-feira festejou o seu triunfo com uma subida significativa na Bolsa de Santiago – é o projeto concreto que se propõe impor em caso de ser eleito presidente do Chile. O “programa de governo” de Kast é exposto em um extenso documento de 204 páginas intitulado “Atreve-te Chile” e que abre com um “Manifesto Republicano” no qual são expostos os males que afligem aquele

país: “o castigo progressivo da propriedade; a promoção de um estado interventor; a identificação de inimigos irreduzíveis, como a iniciativa privada e o sistema de mercado; os protestos violentos e o vandalismo como justificativa para a transgressão das normas e desrespeito à autoridade; o ressurgimento de um discurso neomarxista falacioso da luta dos sexos, raças, orientações sexuais, visões corruptas dos direitos humanos, a interpretação da ciência (e o) assédio da fé cristã” – página 3.

A seguir está uma enumeração extensa das 829 (sic) medidas corretivas necessárias para remediar tal situação dolorosa. Não é o caso de reproduzi-los aqui, mas convido meus leitores a fazer um esforço e ousar remexer naquele fedorento depósito de propostas reacionárias para caracterizar com precisão o que espera o Chile se este Führer de cantinas decadentes chegar ao Palácio La Moneda.

A título de exemplo, alguns pontos: #72 “Fortalecer os laços do Chile com os Estados Unidos, Reino Unido, Japão e Alemanha, como chefe da União Europeia, como parceiros políticos estratégicos. Também promovemos o estreitamento dos laços com os países da Ásia-Pacífico, devido à sua crescente importância econômica”. É claro que, para Kast e seus conselheiros, a China inteligente não existe.

#74 “Um aspecto importante da questão da segurança é evitar que os atores políticos nacionais busquem alianças transnacionais para aumentar suas chances de chegar ao poder no Chile, e até mesmo de forma irreversível. Um sério perigo é a tendência histórica de regimes subversivos como Cuba e Venezuela de apoiar, por meios ilegais e ocultos, grupos e partidos políticos da extrema esquerda chilena, ante os quais nossos governos eleitos mostraram extrema fra-

queza e tolerância”. A velha teoria que diz que conflitos e lutas sociais chegam ao idílico Chile do exterior. Antes vinham da União Soviética, hoje, de Cuba e Venezuela.

E então outra bobagem típica de um homem das cavernas que eu, como um orgulhoso graduado da FLACSO, não posso deixar de mencionar. A recomendação número 77 de seu programa adverte que “a situação da FLACSO merece um caso especial, entidade de suposto caráter acadêmico, que

## KAST TEM UM PROGRAMA BASEADO NO GRITO DE GUERRA DE FRANCO – “VIVA A MORTE!” – E NA AGENDA ECONÔMICA ULTRA-NEOLIBERAL

há décadas tem gerado ativismo político e refúgio trabalhista de ex-políticos nacionais e estrangeiros. Esta entidade será notificada do fim das suas operações no nosso país”. A verdade é que já fazia anos que não encontrava gente tão ignorante e primitiva como os editores deste obscuro, incapaz de avaliar as credenciais acadêmicas internacionais da FLACSO.

O programa continua afirmando no item 82 que “retiraremos o Chile do Conselho de Direitos Humanos da ONU”, o que já estava

presente no número 30 onde foi anunciado o “encerramento do atual Instituto Nacional de Direitos Humanos e sua substituição por um instituição transversal dedicada à defesa efetiva dos direitos humanos de todos os cidadãos”. A próxima seção, 31, promete “mais prisões para o Chile e mais proteção e benefícios para os policiais.... A garantia acabou”.

O ponto culminante desse projeto fascista e grotesco é uma reedição do sombrio Plano Cóndor, que nos dias de Pinochet, Videla e companhia ceifou a vida de milhares de latino-americanos e condenou muitos outros ao exílio.

O nº 33 declara, sem ambigüidades, que avançará na “Coordenação Internacional Anti-Radicais de Esquerda (sic). O que está acontecendo na Colômbia não é por acaso. O modelo do surto anti-social no Chile se repete. Vamos nos coordenar com outros governos latino-americanos para identificar, prender e processar agitadores radicalizados”. Pinochet executou o Plano Condor, mas nunca confessou sua existência. Kast, por outro lado, anuncia com o peito inflado de arrogância e procurando a piscadela cúmplice de Washington.

Resumindo: um programa baseado no grito de guerra do regime de Franco – “Viva a morte!” e combinado com um programa econômico ultra-neoliberal. Em poucas palavras, este energúmeno conseguiu o que até agora parecia impossível: que um político mais reacionário, despótico e violento apareça no Chile do que Pinochet. Kast o fez. Esperamos que o eleitorado acorde na hora certa e evite que esse monstro se torne presidente e afunde a terra de Salvador Allende, Victor Jara, Pablo Neruda, Gladys Marín, Violeta Parra e tantos outros e outros na barbárie. •

\* Sociólogo, cientista político, professor e escritor argentino, é doutor em Ciência Política pela Universidade Harvard.

# GRUPO DE PUEBLA SE REÚNE NO MÉXICO

Encontro reúne mais de 150 líderes progressistas para debater modelo de desenvolvimento solidário para os países da América Latina, Caribe e Europa

**M**ais de 150 líderes progressistas do mundo, organizados no Grupo de Puebla, estarão reunidos, entre 29 de novembro e 1º de dezembro, na Cidade do México para debater uma proposta de modelo de desenvolvimento solidário para América Latina, Caribe e Europa. Do Brasil, participam Dilma Rousseff e o presidente da Fundação Perseu Abramo, Aloizio Mercadante. “O Grupo de Puebla tem sido um ponto de defesa da democracia e permitido a troca e ideias para caminhos de desenvolvimento com justiça social”, lembra a ex-presidenta.

No encontro na Cidade do México serão tratadas ações que possam ampliar e contribuir para a integração regional, além de tratar da conjuntura política e social para os países da região, bem como os desafios que a América Latina tem no pós-pandemia.

Além de Dilma e Mercadante, participam os ex-presidentes Ernesto Samper (Colômbia) e Rafael Correa (Equador). Além disso, o ex-presidente espanhol José Luiz Rodríguez Zapatero também estará presente ao encontro. Depois de extensa agenda pela Europa, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva participará do encontro por meio de vídeoconferência.

É o 7º encontro do Grupo de Puebla e a primeira vez que a reunião ocorrerá presencialmente depois da pandemia de Covid-19. O último encontro presencial dos líderes políticos de diversos países da América Latina, Caribe e Europa foi há dois anos em Buenos Aires, na Argentina, com o presidente Alberto Fernández sendo o anfitrião do encontro.

Arquivo



**PRESENCIAL** Será a primeira reunião desde eclosão da pandemia da Covid

Fundador do Grupo de Puebla e integrante da coordenação executiva, Mercadante destaca a importância desse espaço de reflexão e formulação. “O Grupo de Puebla tornou-se um dos mais amplos blocos progressistas da América Latina e Caribe. Conseguimos reunir líderes de distintas correntes, que têm em comum o espírito de construir e desenvolver propostas progressistas, de alternativas de políticas públicas para governos populares e democráticos. É um projeto político em permanente construção e crescimento”, afirma.

Constituído em julho de 2019 como um contraponto à ascensão da extrema direita no mundo, o Grupo de Puebla reúne, atualmente, 200 líderes de 19 países. A organização é fundamentada no profundo respeito à autonomia e à autodeterminação dos povos, na busca da integração regional, na defesa da democracia e na busca por um mundo solidário e sustentável.

Desde a fundação, a iniciativa realizou várias ações, como a

criação do Conselho Latino-Americano de Justiça e Democracia (CLAJUD), para combater o uso da justiça como arma de guerra política e seus efeitos sobre as instituições democráticas da região. Além disso, os líderes políticos também articularam o Grupo Parlamentar Progressista Ibero-Americano (GPI), integrado por legisladores de 14 países, que pretende dar uma dimensão legislativa às propostas do Grupo de Puebla.

Nos últimos anos, o grupo foi capaz de estabelecer vínculos políticos que permitiram salvar a vida de Evo Morales e outros companheiros expostos a violência deflagrada no processo de Golpe de Estado na Bolívia. Junto com a CLAJUD, o Grupo de Puebla atuou pela defesa das garantias individuais, contra as perseguições de líderes políticos, que vem ocorrendo na região, como em El Salvador, Equador, Bolívia e outros países. Também estiveram, desde o início, na luta pela liberdade e inocência de Lula, com um profundo compromisso com a campanha Lula Livre. •

2 de dezembro de 1988

## 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS

O município de Valença (RJ) sedia o 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras. O ano de 1988 marcava o centenário da abolição formal da escravidão no Brasil, o que ensejou movimentos negro e feminista a ampliar o debate na sociedade. As cerca de 450 mulheres reunidas no encontro foram fundamentais para o impulso de um movimento organizado a partir da articulação da questão racial com as questões de gênero e classe.



27 de novembro de 1935

## LEVANTE COMUNISTA NO RIO DE JANEIRO

A Revolta Vermelha de 1935 contra o governo de Getúlio Vargas eclode com força no Rio de Janeiro. O movimento já havia eclodido em Natal, entre os dias 23 e 25, e no Recife, dia 25) mas foi na capital do país que teve maior repercussão. A conspiração político-militar é realizada pelo PCB (na época, Partido Comunista do Brasil) em nome da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e liderada por Luís Carlos Prestes (foto), capitão do Exérci-

to e líder tenentista convertido ao comunismo.

O levante está articulado com a direção da Internacional Comunista que tinha entre seus integrantes, Olga Benário, companheira de Prestes. Os insurgentes lutavam contra as oligarquias, o imperialismo e o autoritarismo. Reivindicavam o não pagamento da dívida externa, a nacionalização das empresas estrangeiras, a reforma agrária e o combate ao fascismo.



1º de dezembro de 1997

## RACIONAIS LANÇA SUA GRANDE OBRA-PRIMA

O rap escreve um dos capítulos mais importantes da sua história com o lançamento de "Sobrevivendo no Inferno", dos Racionais MC's. Denunciando desigualdade, miséria e racismo, Mano Brown e Edy Rock ganham o país. Uma das canções mais famosas do disco registra o Massacre do Carandiru, baseada no diário do ex-detento Jocenir. A música descreve a dura realidade das cadeias e convida a uma reflexão sobre a maneira como o "ser humano é descartável no Brasil".

21 de novembro de 1979

## DITADURA RETOMA O PLURIPARTIDARISMO

Em 21 de novembro de 1979, o Congresso aprova a lei que declara extintos Arena e Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – os dois partidos criados pelo Ato Institucional nº 2 (AI-2) em 1965. O Brasil retomava, assim, o pluripartidarismo. A Lei Orgânica dos Partidos instituiu novas regras para a criação de legendas, mas a fundação de parti-

dos comunistas continuou vetada pela Lei de Segurança Nacional.

O objetivo da ditadura com a chamada "reforma partidária" era dividir o MDB antes das eleições de 1982, o que ficava claro pela exigência de que as novas legendas se chamassem "partido", com siglas começando pela letra "P".

Ulysses Guimarães decidiu, então, acrescentar a letra obrigatória à nova legenda, que passou a se chamar PMDB. Já a Arena mudou o nome para Partido Democrático Social (PDS).



27 de novembro de 1983

## PRIMEIRO COMÍCIO PELAS DIRETAS JÁ

Cerca de 15 mil pessoas se reúnem na praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, em São Paulo (SP), exigindo eleições diretas para presidente da República. Convocado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), o ato pela Diretas Já juntou representantes de mais de 70 entidades nacionais.

“Este é o primeiro de muitos atos semelhantes pelo país até a conquista definitiva das eleições

diretas”, disse o então presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. O caminho para as Diretas era a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional apresentada pelo deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) em março daquele ano. Apesar do grande apoio popular, com dezenas de megacomícios em todo o país em apoio à proposta, a emenda foi rejeitada pela Câmara no ano seguinte, frustrando o sonho da eleição direta para presidente.

26 de novembro de 2014

## CAPOEIRA: PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

A Roda de Capoeira recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) durante cerimônia realizada na sede da agência, em Paris.

A manifestação cultural de herança africana se desenvolveu em território brasileiro como forma

de sociabilidade entre os escravizados, se tornando símbolo da resistência negra no país durante e após a escravidão. Pela marca que carrega, a capoeira foi considerada crime pelo Código Penal de 1890 – a descriminalização veio apenas em 1937.

Além de reconhecerem a importância da capoeira na formação das populações negras no Brasil, as políticas de patrimônio são importantes por indicarem aos governos compromissos de preservação de seus bens materiais e imateriais.

27 de novembro de 1991

## PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DO PT

O Partido dos Trabalhadores (PT) dá início ao seu 1º Congresso Nacional. Com 11 anos, o PT chegou ao Pavilhão Vera Cruz, em São Bernardo do Campo (SP), com um quadro de militantes mulheres vasto e qualificado, mas ainda sem representação na estrutura partidária de poder. O pontapé inicial para a reversão desse desequilíbrio foi dado durante o congresso.

Com uma proposta definida previamente, as petistas organizadas conseguiram aprovar cotas de 30% de mulheres na direção partidária. A pauta havia sido decidida no 3º Encontro Nacional de Militantes Petistas do Movimento de Mulheres e nos Encontros de Mulheres Petistas.

A aprovação das cotas foi um ato pioneiro na política brasileira. Por meio de suas deputadas, o PT levou o debate para a Câmara e para o Senado e estimulou a militância de outros partidos a reivindicarem o mesmo dentro de suas organizações. Duas décadas depois, já no 4º Congresso Nacional, foi aprovada a paridade de gênero no PT.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.*

Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)

Visite o [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)



**PACOTE EM CHEQUE** 10 mil pessoas se aglomeraram em frente ao Congresso para protestar contra o Cruzado 2

## O DIA QUE BRASÍLIA TREMEU

Nos 35 anos do “Badernaço”, quando a capital federal presenciou a fúria de protestos populares, arquivos do SNI mostram que a depredação de bens públicos, ônibus e viaturas da polícia atribuída a “guerrilheiros urbanos” foi ação da extrema-direita. O Brasil jamais foi o mesmo depois das manifestações das organizações sindicais, estudantis e partidos da esquerda, que culminaram com a Greve Geral de 12 de Dezembro de 1986

### Olímpio Cruz Neto

**E**m 27 de novembro de 1986, Brasília viveu o seu primeiro grande protesto pós-ditadura, nos exteriores do velho regime, no que era a alvorada da Nova República, sem Tancredo Neves, mas na esperança de dias melhores. O presidente José Sarney havia acabado de baixar o Cruzado 2, depois do PMDB sair vitorioso em 26 estrados, no que pareceu ser o primeiro grande estelionato eleitoral da segunda metade do século 20.

Naquele dia, trabalhadores e estudantes tomaram a Esplanada dos Ministérios e realizaram um protesto gigantesco contra a situação econômica do país. O movi-

mento foi organizado pelas então duas maiores centrais sindicais – CUT e CGT – além de dirigentes de partidos de esquerda: PT, PCdoB, PCB e MR8, além do PDT – e representantes do Diretório Central dos Estudantes da UnB.

O fracasso do chamado Plano Cruzado, de Sarney, foi seguido por medidas indigestas. Em meados de novembro, logo após o anúncio do resultado das eleições, com a ampla vitória do PMDB em praticamente todos os estados – a legenda perdeu apenas o governo de Sergipe para o PFL –, o Palácio do Planalto anunciou o Cruzado 2, que previa, entre outras coisas, o aumento de tarifas públicas, reajuste de impostos e novos cálculos de inflação.

A reação popular foi dura na-

quele dia. Mas o que era um protesto massivo reunindo 10 mil pessoas em Brasília descampou para um quebra-quebra generalizado no coração do país, com pelo menos 26 viaturas da Polícia Civil de Brasília incendiadas, assim como dois veículos do Governo do Distrito Federal, um ônibus do Exército, outro da TCB, a empresa estatal de transportes coletivos de Brasília. Além de atos de depredação de prédios públicos e o saque geral de um supermercado em plena rodoviária de Brasília. No centro comercial da cidade, prédios foram vandalizados.

Um relatório do SNI, identificado como Informe 516/86/DI/CIPO/SEP, obtido pela Focus Brasil no Arquivo Nacional – produzido poucos depois da greve geral em



**EM CHAMAS** No final da tarde, viaturas da polícia brasiliense são incendiadas por vândalos: Ação da direita

todo o território nacional, em 12 de dezembro – resultado direto do ato de 27 de novembro, mostra detalhes do grande evento que contou com 10 mil pessoas na frente do Congresso Nacional, transcorrendo em perfeita ordem até o final do dia.

Os protestos foram programados assim que saíram os resultados das eleições de 1986, com a ampla vitória do PMDB, mas o avanço das esquerdas no Congresso. Luiz Inácio Lula da Silva fora eleito deputado federal constituinte e a bancada do PT chegou a 18 parlamentares, praticamente triplicando. Brasília ganhara sua primeira representação política, tendo eleito três senadores e oito deputados – com mais metade da bancada de 11 parlamentares de clara orientação progressista.

A capital do país recém adquirira autonomia e vivia um turbilhão político, com reuniões organizadas pela plenária intersindical, com comando duplo da CGT e CUT, realizadas no Sindicato dos Bancários, ligado à época ao Partido Comunista Brasileiro. A imprensa deu ampla divulgação à organi-

zação dos protestos, convocados logo depois do governo anunciar o pacote. Mas não apenas pela mídia. Os órgãos de repressão e inteligência do governo federal também estavam de olho. O Serviço Nacional de Informações, o famigerado SNI, ainda estava em pleno funcionamento e já tinha um amplo dossiê dos atos.

No início daquela semana, poucos dias antes da tarde de quinta-feira, 27, quando o centro de Brasília transformou-se em “praça de guerra”, houve uma reunião da Plenária Intersindical de Brasília com pouco mais de uma centena e meia de sindicalistas, militantes dos partidos de esquerda, estudantes e líderes políticos, incluindo os recém-eleitos deputados federais Augusto Carvalho (PCB), Geraldo Campos (PMDB), Márcia Kubitschek (PMDB) e Sigmaringa Seixas (PMDB). Também estavam presentes os senadores eleitos Maurício Corrêa (PDT) e Pompeu de Souza (PMDB).

Então presidente da CUT-DF, o hoje deputado distrital Chico Vigilante (PT-DF) *(foto)* lembra que a cidade ferveu. “Marcamos o início

do protesto para as 14h, saindo da Rodoviária, com o intuito de seguir para o Congresso e, depois, para o Ministério da Fazenda”, diz. Dez mil pessoas compareceram ao ato, caminhando lentamente em direção à Praça dos Três Poderes. Na altura da Catedral, uma barreira policial foi montada, mas não impediu a passagem dos manifestantes.

A concentração ficou no gramado em frente ao Congresso Nacional. Os discursos se seguiam no aparelho de som instalado numa kombi, com líderes sindicais

Arquivo



se revezando nas críticas ao governo e pregando a revogação do Cruzado 2, anunciado pelo então ministro da Fazenda, Dilson Funaro, alvo da maior parte da fúria dos militantes e dos protestos.

O Informe 516 da Secretaria de Segurança Pública do GDF traz um relato dos eventos que se seguiram: "As negociações entre autoridades responsáveis pela segurança pública, e os sindicalistas encabeçadores [sic] do movimento não tiveram progresso, e às 13h da data programada (27NOV86), aproximadamente 6 mil pessoas concentravam-se na Estação Rodoviária de Brasília (ERB)".

O SNI conta que "logo após, aproximadamente 3 mil pessoas, que se deslocavam pelo Eixo Rodoviário Sul, juntavam-se aos demais manifestantes. A polícia montou dispositivo de segurança, tentando impedir a passagem de manifestantes da ERB para a Esplanada dos Ministérios, entretanto, não logrou êxito. A Esplanada dos Ministérios foi tomada inicialmente, pelos manifestantes que procediam do Eixo Rodoviário".

"Às 15h, manifestantes que se encontravam nas proximidades do Palácio do Planalto, foram afastados pelas forças de segurança. Impedidos de permanecerem na Praça dos Três Poderes, os manifestantes juntaram-se a outros que se concentravam em frente ao Congresso Nacional e ao longo da Esplanada dos Ministérios. Entre às 15h e 16h30min, verificaram-se diversos pequenos confrontos, com os manifestantes tentando alcançar a Praça dos Três Poderes, só não conseguindo devido ao trabalho das forças de segurança", diz o relatório, não mencionando que a repressão aos manifestantes foi dura. Profissionais da imprensa tiveram equipamentos fotográficos quebrados para impedir o registro da linha dura atuando no centro da capital do país.

Correio Braziliense



**DESTRUIÇÃO** As viaturas da polícia foram convenientemente largadas

"Às 15h20min, representantes de classes e dirigentes sindicais, utilizando-se de alto falantes instalados em duas Kombis pertencentes ao Sindicato dos Bancários e ao Sindicato dos Trabalhadores e ao Sindicato das Telecomunicações (SINTTEL), levavam mensagens aos manifestantes", continua.

Diz o informe: "Na oportunidade, Brígido Roland Ramos, ex-presidente do SINTTEL, leu versos contestatórios à política governamental. O texto recebeu a denominação

'Eu tô virado no bode' [leia a letra, reproduzida aqui] e teve a contribuição do Diretório Central dos Estudantes (DCE-Livre) da Faculdade de Artes da Fundação Brasileira de Teatro (FBT). Francisco Domingos dos Santos, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT-DF) também fez uso da palavra, e em trecho de seu pronunciamento, exaltou: 'Estamos nos armando e enfrentaremos a polícia, de homem para homem'".

O relatório retirado dos ar-

Reprodução

028489 22 DEZ 86

**CONFIDENCIAL**

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL  
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
COORDENAÇÃO DE INFORMAÇÕES PLANEJAMENTO E OPERAÇÕES  
DIVISÃO DE INFORMAÇÕES  
INFORME Nº 516/86/DI/CIPO/SEP

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
DI/CIPO  
DF  
DIVISÃO DE INFORMAÇÕES

DATA : 11DEZ86  
ASSUNTO : MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO - ATOS DE VANDALISMO CONTRA  
ORIGEM : DI/CIPO/SEP PATRIMÔNIO PÚBLICO E PARTICULAR  
AVALIAÇÃO : A / 1  
REFERÊNCIA : --  
DIFUSÃO ANTERIOR: --  
DIFUSÃO : AC/SNI  
ANEXO : 01 (uma) fotocópia de versos contestatórios a Política  
do Governo Federal.

1. Dirigentes da CENTRAL GERAL DOS TRABALHADORES (CGT), CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT), das entidades políticas: PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT), PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB), PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (PDT), PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B), e ainda de diversos Sindicatos e representações de classe, promoveram, no dia 27NOV86, no Plano Piloto do DISTRITO FEDERAL, atos contestatórios às recentes medidas econômicas decretadas pelo Governo Federal.

2. Os protestos vinham sendo programados, e a imprensa dando ampla divulgação. Dias antes, sindicalistas e representantes de classe já haviam sido alertados pelo Exmº Senhor Secretário de Segurança Pública, de que nem a Esplanada dos Ministérios, nem a Praça dos





Correio Braziliense

**PROFISSIONAIS** Os 'black blocks' em ação: jovens fortes e desconhecidos

quivos do SNI prossegue: “Às 16h30min, os manifestantes deslocaram-se em passeata, da frente do Congresso Nacional, até o Ministério da Fazenda, onde formaram uma comissão para falar com o titular da pasta. Na impossibilidade da referida comissão ser recebida pelo Exmo. senhor ministro, os manifestantes continuavam ocupando as partes externas (pátios) do bloco que abriga o Ministério da Fazenda. Tal situação perdurou até às 17h15min, quando contingentes da Polícia Militar do DF, usando de energia, dispersaram a concentração”.

À página 7 do Informe 516, o parágrafo 9 menciona: “Às 18h45min, quando se encontravam envolvidas na cerca de 7 mil pessoas, um grupo de cerca de 20 manifestantes interceptou, na altura da entrada do Posto do Touring Clube, um microônibus pertencente ao Ministério do Exército, deprecaram-no e logo após o incendiaram. A partir de então, um grupo formado de aproximadamente 80 pessoas (a maioria jovens de 15 a 25 anos), ingressou na parte interna da ERB e deprecaram e incendiaram veículos por aquele setor. O alvo era somente veículos do serviço público. Enquanto se davam as ocorrências de saque, depredações e incêndios, parte dos populares que se concentravam na parte superior da ERB, aplau-

diam as cenas, fato que animava, ainda mais os manifestantes”.

O relatório não menciona, mas as viaturas da polícia – Veraneios Vascaínas (pintadas de preto e branco e cinza) – foram convenientemente deixadas na rodoviária, umas perto das outras, sem qualquer vigilância. Era quase uma deixa para a entrada dos vândalos, agentes da P2 do Exército, fortes e robustos, que escondiam os rostos, não eram incomodados pela polícia, mas foram apresentados pela Secretaria de Segurança do GDF como “guerrilheiros urbanos” de esquerda. Eram profissionais da agitação, que deprecaram tudo com a fúria fazendo do centro da cidade uma batalha campal.

O relato do SNI informa ainda que, “às 19h45min, contingentes da PMDF ocuparam a ERB e expulsaram os manifestantes. Às 20h15min, no Setor Comercial Sul foi detectada a presença de um grupo de aproximadamente 50

pessoas praticando atos de vandalismo. Estas pessoas, na maioria aparentando idade de 15 e 20 anos, agiam sem camisa e usavam capacetes de motoqueiro”. Mais uma vez, o documento da inteligência não explica as graves falhas da segurança que permitiram o quebra-quebra dos ‘proto-black blocks’, precursores das ações violentas de 2013 que também, como no passado, eram poupados da repressão que só tinha como alvos os “comunistas culpados de sempre”.

O relatório confidencial Apreciação 004/120/AC/87, produzido pela Agência Central do Serviço Nacional de Informações (SNI), em 3 de fevereiro de 1987, traz a relação dos manifestantes que participaram dos protestos de 27 de novembro de 1986 e uma lista com os presos nos atos da Greve Geral realizada em 12 de dezembro. O documento menciona as organizações troquiskistas brasileiras (“OTB”) e outras organizações comunistas (“OC”), “que atuam encasteladas no PT” – responsabilizado juntamente com a

CUT diretamente pela violência ocorrida naqueles dois eventos.

Entre os “fichados” pelo SNI como participantes do “Badernaço” estão 166 militantes de partidos de esquerda, estudantes, dirigentes sindicais e até parlamentares, com as ligações e filiações marcadas por arapongas infiltrados nas reuniões da Plenária Intersindical. Praticamente, toda a esquerda organizada de Brasília surge identificada,

**A QUEM  
INTERESSAVA A  
BADERNA? NÃO  
À ESQUERDA,  
MAS À ‘LINHA  
DURA’ LIGADA  
À DITADURA HÁ  
POUCO VARRIDA  
PARA O ESGOTO**

incluindo o autor desta reportagem, que tinha então 20 anos e estudava jornalismo – a lista completa está no box, na próxima página. A outra lista no relatório é a de presos no dia da greve geral – 81 militantes e dirigentes sindicais em todo o país. Em Brasília, Chico Vigilante foi detido com outras quatro pessoas.

As investigações abertas pelo GDF, na época encabeçada pelo governador José Aparecido, um democrata ligado ao PMDB de Minas Gerais, jamais chegou a avançar e nunca conseguiu apontar diretamente os criminosos responsáveis pela depredação do centro da capital federal, que assustaram o presidente José Sarney, colocaram o país em risco de crise institucional na recém-criada Nova República e deixaram os militares em situação de prontidão para uma eventual “intervenção” a fim de “restabelecer a lei e a ordem” e justificar o pretexto de uma ação mais repressiva.

Velho dirigente sindical e agitador cultural, Antenor Gentil Júnior prestou depoimento à comissão de sindicância instaurada por José Aparecido ainda em dezembro de 1986 para apurar quem transformou uma manifestação pacífica num festival de carros incendiados. Morto em janeiro deste ano, Júnior fez observações em seu testemunho perante a comissão:

“Jovens com menos de 30 anos, corpos atléticos, corte de cabelo bem feito, calças jeans, tênis, camisas amarelas, pessoas que ficaram muito próximas à polícia e que proferiam palavras de confronto com a polícia; que, no entanto, a polícia não molestava a qualquer desses manifestantes. Que na opinião do depoente os atos de vandalismo foram praticados por grupos de direita ou paramilitares, isto porque o depoente conhece grande parte dos militantes de esquerda de Brasília, podendo afirmar que esses grupos se orientam

# OS ‘FICHADOS’ PELO SNI

Augusto Carvalho (PCB)  
Antenor Gentil Júnior (PCB)  
Antônio Gomes Neto (PCdoB)  
Ataídes Gomes (PCdoB)  
Angelita Naito (PCB)  
Ângela Soares da Silva (PCdoB)  
Andréa Chagas (PORT-P)  
Arlete Sampaio (FR)  
Arlindo Fernandes de Oliveira (PCB)  
Abrão Lincoln de Alencar (MR-8)  
Antônio de Pádua (CUT-Bancário)  
Abrahão Cavalcanti Lima (MR-8)  
Albertina Magalhães Moraes (PCB)  
Agnelo Santos Queiroz Filho (PCdoB)  
Aguimar Mendes Ferreira (PT)  
Alberto Silva Júnior (PT)  
Alcinda Maria Machado Godoy (FQI)  
Austregésilo Ferreira de Melo (FQI)  
Alfredo Antonio Saad Filho (PCdoB)  
Arlindo José de Oliveira Filho  
Aldo Arantes (PCdoB)  
Aurélio Peres (PCdoB)  
Alvamar de Queiroz (OOI)  
Adelino Cassis (PCB/Ala Prestes)  
Aristóteles Gusmão da Silva (MR-8)  
Antonio Rocha Barros (Sinttel)  
Armando Sobral Rollemberg (CUT)  
Benjamin Benzaquen Sics (PCB)  
Bruno Walter Coelho Saraiva (PCdoB)  
Bernardete Lima Santos (FQI)

Bernardo Cardoso (MR-8 Umesb)  
Barlete Vinhote (MR-8 Umesb)  
Brígido Ramos (Sinttel)  
Carlos da Rocha – “Carlão” (PCB)  
Carlos Alberto Torres (PCB)  
Carlos Alberto de Almeida (Port-P)  
Carlos Geraldo Megale (PT)  
Cleovan da Silva Porto (PCdoB)  
Clovis Rodrigues Pereira (PCdoB)  
Cyro Lisita (PCdoB)  
Cynthia Peter (PCB)  
Carlos Henrique B. Pereira – “Cao” (MR-8)  
Davi Emerick (PCB)  
Djalmar Augusto de Assis (CUT)  
Derosse A. Medeiros Filho  
Deusdedith Rocha Júnior (Debate e Ação)  
Eliane Moraes Nascimento (FQI)  
Erika Moraes Nascimento (FQI)  
Erika Kokay Valente (PT)  
Eduardo Santos Leite (PT)  
Edvaldo Moreira – “Pipi” (PT)  
Edilberto Sebastião Pires (UNB)  
Expedito Andrade (Ceub)  
Chico Vigilante (CUT)  
Fernando Tolentino (PCdoB)  
Fernando Antônio Trindade (PCB)  
Félix Angelo Palaci (PCB)  
“Chico floresta” (Debate e Ação)  
Fabiano Queiroga (Debate e Ação)  
Francisco Fernandes (OOI)

pelo caminho pacífico”.

Professor de história da Universidade de Brasília, Daniel Barbosa Andrade de Faria, que escreveu sobre o episódio do “Badernaço”, não tem dúvidas em apontar que havia indícios fortes que indicavam a participação de agentes provocadores – talvez mesmo da Polícia Militar de Goiás. “As viaturas policiais foram enfileiradas e simplesmente abandonadas na Esplanada, como uma espécie de isca para mani-

festantes revoltados ou para os provocadores poderem atuar. Os incendiários não foram reconhecidos individualmente. Pareciam jovens, fortes; não eram conhecidos militantes políticos de Brasília”, observa. “Durante o tumulto, policiais impediam jornalistas de fotografar o evento – alguns tiveram suas câmeras tomadas e destruídas”. E, curiosamente, foram os militantes da esquerda brasileira quem mais apanharam dos policiais.

Reprodução

**O tempo na Rio class, ocasionalmente militar, com possibilidade de chaves e novidades inéditas e perfil de luxo. Temperaturas baixas. Máquinas de assar. 30 graus em Bealinger mínimo, 21,8 no Alto de São João. Página 13**

## O GLOBO

FUNDO: IBNEU SAIBENIO    DIRETOR: RUIBERTO CHATE    RUIBERTO MARINHO  
ANO LXII – RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 23 DE NOVENBRRO DE 1986 – Nº 19.329

**Manter o curso, sem vacilação**  
A falta de insubordinação de alguns policiais e o espírito de ordem, logo de imediato, serviu de Foco Cultural, explicou um líder da Revolução armada durante de ordem em Brasília. Edição, página 4

### Manifestações em Brasília degeneraram em quebra-quebra. Funaro acusa CUT



A violência nas manifestações de Brasília alcançou seu ponto mais alto à noite, durante da Revolução, onde os manifestantes, após invadir os carros da Polícia, os incendiaram

Transformou-se num espetáculo de violência e desordem — com saques, incêndios, agressões e depredações — a manifestação convocada ontem pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e pela Central Geral dos Trabalhadores (CGT), em Brasília, contra as recentes medidas econômicas. A passeata reuniu cerca de 6 mil pessoas, segundo a polícia, ou 20 mil, segundo seus organizadores, e, quando dirigiu-se ao Congresso para o Palácio do Planalto, 4 mil homens da Polícia Militar, munidos de cassetetes, escudos e bombas de gás lacrimogêneo, começaram a dispersá-la. Denúncias de manifestantes flocaram feridos neste confronto. Dissolvida a

**Coronel destrói**  
em Casa Branca

**Campos: TRE**  
constrói fundo

Fernando Saraiva (FQI)  
 Francisco Lacerda (PT)  
 Geraldo Campos (PCB)  
 Geraldo Lima Bentes (Senalba)  
 Geraldo Magela Pereira (PT)  
 Gilberto Barata (PT)  
 Haroldo Lima (PCdoB)  
 Hélio Marcos Prates Doyle (PDT)  
 Hudson Cunha (PT)  
 Hermes Alves Cardoso (PCdoB)  
 Iyonete Souza – “Santa” (PCdoB)  
 Íris Carlos Santos da Silva (PCB)  
 Ivo Fluger Mathias (Debate e Ação)  
 Ipaminona Rodrigues da Silva  
 Ilza Maria Santos Queiroz (PCdoB)  
 Isaías Cassimiro (Rodoviários)  
 Jorge Medeiros (Debate e Ação)  
 Jorge Vinhas (FQI)  
 José Neto (PRC)  
 João Araújo Neto  
 José Eudes de Oliveira Costa (FQI)  
 José Eustáquio da Silva (Bancário)  
 José Oscar (PCB/Ala Prestes)  
 João Madeira  
 José Jackson Bacelar Júnior (PT)  
 Jackson Alvares de Moura (PCdoB)  
 João Lopes (PCdoB)  
 Jaime de Oliveira Souza (PCdoB)  
 Jaime Sautchuk (PCdoB)  
 José Adão Felício (PCdoB)  
 Jesseu Emerick (PCdoB)  
 José Messias de Souza (PCdoB)  
 Jusmar Antônio de Oliveira (PCB)  
 José Neves Filho (Comerciário - CGT)  
 José Irenaldo Leite Ataíde (PCB)  
 José Ricardo Caldeira Brant (PCB)

José Luiz Garcia Mir (PCB)  
 Jamil Magari (PCB)  
 José Machado Filho  
 Jomar Alves Moreno (Professores)  
 Joselito Correa (MR-8)  
 José Carlos Teramusse (PCB)  
 Jacques de Oliveira Pena (FQI CUT)  
 José Alfredo Bacelar Júnior (PT)  
 Lauro Campos (PT)  
 Luiz Carlos Ferreira (OQI)  
 Luiz Carlos Sigmaringa Seixas (PCB)  
 Luiz Basílio Rossi (PT)  
 Luiz César Malveira (Bancário)  
 Luverci Lula (PT)  
 Lúcia Helena de Carvalho (PT Sinpro)  
 Marco Antônio Campanella (MR-8)  
 Maria Laura Pinheiro Rego (FQI)  
 Maria José da Conceição (Médicos)  
 Milton Seligman (PMDB/PCB)  
 Mauro Pereira Porto (PCB)  
 Maria Francisca Sales Pinheiro (FQI)  
 Maurício Correa (PDT)  
 Maerle Ferreira Lima (PMDB)  
 Marcus Vinícius Lima (PCdoB)  
 Maria Iyonete Alves (PCdoB)  
 Maria das Graças Silva (PCdoB)  
 Manoel Rodrigues Neto (PCdoB)  
 Margarete Fatima de Oliveira (PCB)  
 Maria Lúcia Ivanov (PT Sinpro)  
 Maria Tereza – “Maitê” (FQI)  
 Mihail Ivanov (Professor Russo)  
 Maria Diqmiciis Chevalier (Bancários)  
 Nelson Vieira Serra (PCdoB)  
 Nivaldo Mariano da Silva (PCdoB)  
 Nelson Moreira Gomes (PCB)  
 Nelson Moreira Sobrinho (Professor)

Nobia Viana  
 Nivaldo Alves da Silva (PCdoB)  
 Orlando Cariello Filho (PT)  
 Olímpio Cruz (Estudante)  
 Paulo Sérgio Ramos Cassis (PCdoB)  
 Paulo Miranda (PT)  
 Pedro Thomás Neto (PCdoB)  
 Paulo Henrique Oliveira (PCdoB)  
 Pery Luiz de Mello Nazareth  
 Paulo Fona (PT)  
 Pedro Celso de Oliveira (Rodoviário)  
 Paulo Henrique Veiga (FQI)  
 Paulo Valle (PT)  
 Raquel Andrade Figueiredo (PCdoB)  
 Robert Lenox (PV)  
 Ricardo Soares da Silva (PCdoB)  
 Ribeiro - Ex-Cabo do PIC/EB  
 Ricardo Pereira (Debate e Ação)  
 Raimundo Correa (PCdoB)  
 Roberto Silva (PCB)  
 Raimundo Rocha Braga  
 Raimundo Nonato Cruz (FSPB)  
 Ricardo Monte Rosa (PT)  
 Ricardo Gonçalves Pacheco (FQI)  
 Rogério José Dias (PCB)  
 Sérgio Siqueira da Cruz (MR-8)  
 Sandra Santos (Debate e Ação)  
 Vânia Rodrigues Araújo (PCdoB)  
 Vanessa Maria de Castro (PCB)  
 Valéria Oliveira (Debate e Ação)  
 Waldir Victório Filho (Debate e Ação)  
 Walter Ney Valente (PCdoB)  
 Wanderley José da Silva (PCB)  
 Wagner Soares da Silva (PCdoB)

No depoimento à comissão de sindicância, o jornalista Fernando Lemos, então editor executivo do *Correio Braziliense* [já falecido], constava que não tinha avançado nas conclusões acerca da identificação das pessoas envolvidas no “badernaço”. Mas um contraventor do jogo do bicho teria dito a ele que os atos de destruição foram promovidos por agentes da P2 (o Setor de Informações do Estado-Maior das Forças Arma-

das). Foram essas pessoas que comandaram o quebra-quebra. Segundo outra fonte, o núcleo do comando do quebra-quebra pertenceria à “comunidade de informações” e teria vindo da região do Bico do Papagaio (PA), o que dificultaria sua identificação pelos órgãos da segurança. Ou seja, a ação teria sido coordenada por setores da comunidade de informações sem que o próprio Sarney tivesse conhecimento, assim

como outros ministros e integrantes do governo federal.

A comissão de sindicância, designada pelo Decreto 9.971, de 1º de dezembro de 1986 por José Aparecido, tinha como objetivo apurar as responsabilidades dos tumultos ocorridos. Além das autoridades, faziam parte da comissão o reitor da UnB, Cristovam Buarque; o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Carlos Marx; além do presidente da Associação Comercial do DF, Lindberg Cury, dentre outras personalidades da sociedade civil.

“Quando as depredações se iniciaram, a comissão registra não ter encontrado explicação convincente, ainda mais diante das denúncias de que, ao mesmo tempo em que depredadores e incendiários agiam livremente, repórteres eram agredidos, tendo suas máquinas fotográficas tomadas e destruídas - não sendo possível, contudo, determinar se tais atos partiam ou não de uma ordem do alto comando”, observa Faria. •





# VIVA ELZA SOARES!

**A grande estrela da música popular brasileira é a encarnação da luta contra o preconceito e o racismo. Ainda mantém o mesmo ativismo e a capacidade de indignação de quando iniciou a carreira, sempre antenada com as lutas populares**

**N**os idos de 1953, uma jovem negra de 23 anos que trabalhava como faxineira em casas de família, na Zona Sul do Rio de Janeiro, inscreveu-se no concurso do programa de rádio Calouros em Desfile, apresentado por Ary Barroso. Ao subir no palco, Elza foi recebida às gargalhadas pelo apresentador. “De que planeta você veio, minha filha?”, perguntou Ary. E Elza, prontamente, respondeu: “Do mesmo que o senhor, seu Ary. Do planeta fome”.

Ao interpretar “Lama”, dos compositores Paulo Marques e Alyce Chaves, a cantora disse a que veio: “Se quiser beber, eu bebo/Se quiser fumar, eu fumo/ Não interessa a ninguém/Se o meu passado foi lama/ Hoje quem me difama/ Viveu na lama também/ Comendo da minha comida/Bebendo a mesma bebida/ Respirando o mesmo ar/ E hoje por ciúme ou por despeito/ Ah se assim for direito/ Resolveu me humilhar”.

Surpreendendo a audiência e, principalmente, o apresentador do programa, exímio conhecedor da música brasileira, nascia ali para o mundo a figura que é considerada, com toda a justeza, uma das principais artistas brasileiras de todos os tempos: Elza Soares.

O retumbante sucesso dela no programa de calouros de Ary Barroso, não foi, apesar disso, o passaporte inicial para o sucesso da cantora. Negra, pobre, viúva e mãe de quatro filhos, a artista foi vítima do racismo velado de então, que inibia que uma cantora de seu perfil pudesse ser “crooner” de orquestras ou estrelar os palcos nas grandes casas de shows.

Só no início da década de 1960, Elza pode começar a viver de seu ofício como cantora profissional. Ela inclusive foi convidada para aparecer em programas de TV e

iniciou uma turnê que percorreu a América Latina, os EUA e a Europa.

Desbravadora e acostumada às dificuldades que historicamente dificultam e impedem a ascensão dos descendentes dos escravizados no Brasil, ela sentiu na pele o preconceito e o falso moralismo em voga no país quando, em 1962, iniciou um romance com o astro do futebol mundial Manoel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha (1933-1983), campeão do mundo pela Seleção Brasileira nas copas de 1958/62.

Ao se envolver com o craque, casado na ocasião, Elza passou a ser perseguida pelos meios de co-

## ELZA SEMPRE FOI ARTISTA ENGAJADA. EM 1963, GRAVOU JINGLE DA CAMPANHA EM DEFESA DO PRESIDENCIALISMO E EM APOIO A JANGO

municação e pela “tradicional família brasileira”, cuja hipocrisia latente e incubada veio à tona com toda a sua sordidez.

Enfrentando o reacionarismo tanto no meio artístico quanto na vida pessoal, ela se juntou a um grupo de artistas para gravar o jingle de campanha em defesa do presidencialismo em 1963 e em apoio ao presidente João Goulart. Seu engajamento em defesa da legalidade democrática foi o motivo que levou à invasão de sua residência, em maio de 1964. Ela já era alvo de ataques a pedradas, e foi vítima do DOPS, que revirou todo o imóvel.

Ícone da luta contra o preconceito e o racismo, Elza Soares viveu um período de boicote por parte das emissoras de rádio e TVs e da indústria fonográfica, apesar de ter emplacado vários sucessos. Em 1997, aconteceu uma virada em sua carreira, quando lança o disco Trajetória. Em 1999, foi eleita pela BBC como a *Maior cantora brasileira do milênio*.

Em 2002, lança o disco *Do cós-cix até o pescoço* que lhe rendeu uma indicação ao Grammy. No álbum, aparece a canção “A Carne”, de autoria de Seu Jorge, Ulisses Capelleti e Marcelo Fontes, que praticamente se tornou um dos hinos das lutas dos negros brasileiros e um brado contra a persistente discriminação racial: “A carne mais barata do mercado é a carne negra/ Que vai de graça pro presídio/ E para debaixo do plástico/ E vai de graça para o subemprego/ E pros hospitais psiquiátricos/ A carne mais barata do mercado é a carne negra/ Dizem por aí...”

Na última semana, foi lançado o livro *Canto das Rainhas*, do escritor e jornalista Leonardo Bruno, que homenageia Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes, Dona Ivone Lara e Elza Soares. Ele mostra essas artistas como mulheres que venceram o machismo e o preconceito e se consolidaram como verdadeiras representantes da cultura brasileira.

Recentemente, Elza demonstrou toda sua insatisfação com o governo do presidente Jair Bolsonaro, quando publicou em suas redes sociais: “Ei, psiu, somos sócios da empresa Brasil, sabia? Pois é! Os altos impostos que pagamos bancam viagens luxuosas, hotéis, avião e até pizza em dólar nas ruas de NY. Uma fortuna para passar vergonha perante o mundo. Queriam ou não, somos patroas e patrões deles. Vamos cobrar”. Elza, sempre ativa, toma posse em 1º de dezembro de uma cadeira na Academia Brasileira de Cultura. •

# APROVADA A “LEI PAULO GUSTAVO”

Projeto do líder Paulo Rocha (PT-PA) prevê a transferência de R\$ 3,8 bilhões a estados, DF e municípios para ações voltadas ao audiovisual e setores da cultura e artes. Proposta destrava R\$ 342 milhões do orçamento do Fundo Nacional de Cultura

**D**epois de seis tentativas, o plenário do Senado aprovou na última quarta-feira, 24, por 68 votos a 5, o projeto de lei do líder do PT, senador Paulo Rocha (PA), que garante apoio financeiro e ações emergenciais de apoio ao setor cultural afetado pela pandemia. Conhecida como “Lei Paulo Gustavo”, a proposta prevê a transferência de R\$ 3,8 bilhões a estados, Distrito Federal e municípios. Aproximadamente R\$ 2,8 bilhões serão destinados a ações para o setor de audiovisual e R\$ 1,06 bilhões para cultura e artes.

“O projeto é simples. Já que o governo segurou os recursos do Fundo Setorial da Cultura durante a pandemia, estamos transferindo o dinheiro aos estados e municípios”, comemorou Paulo Rocha. “O dinheiro vai ajudar a movi-



mentar a cultura do país e a economia dos estados”.

O PLP 73 ainda destrava o Fundo Nacional de Cultura proibindo ao governo realizar o contingenciamento dos recursos do Orçamento de 2021 e liberando mais R\$ 342 milhões, a serem utilizados pela Secretaria de Cultura. A proposta ainda prevê a execução dos recursos até 31 de dezembro de 2022 e a prestação de contas ao longo de 2023.

O texto determina que a União tem 90 dias depois da eventual publicação da lei para transferir as verbas aos entes federativos que manifestarem interesse em custear ações culturais.

Para solicitar o dinheiro, Estados e municípios terão de apresentar planos de ação detalhando a destinação da verba.

“Nossa preocupação é com a cultura, a geração de empregos e de renda e a valorização dos artistas. Agora, o Senado dá uma resposta ao setor tão importante do país”, destacou o líder do PT. O projeto segue para análise da Câmara dos Deputados.

“O objetivo da proposta, apresentada pela bancada do PT é evitar que os recursos do fundo de cultura – não utilizados –, sejam retidos. Precisamos fortalecer os projetos culturais em todo o Brasil, selecionados por estados e municípios”, comemorou o líder da Minoria no Senado, Jean Paul Prates (PT-RN). “É uma vitória da Cultura”, brindou Jaques Wagner (PT-BA). “A aprovação da Lei Paulo Gustavo vem em boa hora. Vai ajudar a socorrer o setor cultural que vive profundas dificuldades devido à pandemia. Como se sabe, a área foi a primeira a parar e ainda terá dificuldades para a retomada”. •

**UNIÃO TERÁ 90 DIAS DEPOIS DA EVENTUAL PUBLICAÇÃO DA LEI PARA TRANSFERIR O DINHEIRO A ESTADOS E MUNICÍPIOS QUE TÊM PROJETOS**

Venício A. de Lima

# PAULO FREIRE

A prática da  
liberdade,  
para além da  
alfabetização

O livro está disponível no site  
da Fundação Perseu Abramo  
[fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

autêntica



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



# BRASIL: CINCO ANOS DE GOLPE E DESTRUIÇÃO

SANDRA BRANDÃO | (ORG.)

APRESENTAÇÃO | DILMA ROUSSEFF

PREFÁCIO | ALOIZIO MERCADANTE

O livro está disponível no site  
da Fundação Perseu Abramo  
[fpabramo.org.br](http://fpabramo.org.br)

